



ROMEU CAMPOS VERGAL

LEVANTA-TE E CAMINHA

EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
BRASIL (1942)



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Conteúdo resumido

É uma obra que tem duas variantes principais: A Reencarnação e a Imortalidade do Ser, mostrando que somos apenas passageiros temporários neste mundo da matéria.

Biografia de Campos Vergal / 03

Surge et âmbula / 07

I - A Imortalidade na Índia / 09

II - Raciocinando e Concluindo / 14

III - Na terra das Pirâmides / 17

IV - Indagações / 20

V - Na pátria de Sócrates / 24

VI - Na península Itálica / 27

VII - Raciocinem conosco os materialistas / 32

VIII - Na pátria de Vitor Hugo / 34

IX - Meditação / 45

X - Regressão da memória / 48

XI - Imortalidade progressiva / 54

XII - A reencarnação no Cristianismo / 57

XIII - Crianças prodígios, gênios e hereditariedade / 62

XIV - A Pátria da Espiritualidade / 66

XV - Pérolas Esparsas / 71

XVI - Inexistência da morte / 76

XVII - E a vida prossegue / 79

XVIII - Aqui e agora / 81

XIX - Imortalidade progressiva e vitoriosa / 84

XX - Conclusões / 89

Biografia de Campos Vergal

No cenário espiritual brasileiro, a figura marcante do professor Romeu de Campos Vergal merece uma referência especial, principalmente em vista de ter sido um propagador das obras de Allan Kardec.

Deve-se a ele a oportunidade ímpar que os paulistas tiveram de verem ampliados novos ângulos da jovem Doutrina. Com eloquência e brilho, abordava as aflições que acometem os humanos e também a sempre momentosa questão da sobrevivência da alma em seu laborioso processo evolutivo. A magnífica oratória de Campos Vergal atraiu a admiração de muitos pensadores da época.

Nascido no município de Serra Negra, Estado de São Paulo, no dia 2 de maio de 1903, era filho do coronel Constantino Vergal e de Mariana Ferraz de Campos Vergal. Iniciou os seus estudos na cidade onde nasceu, e, em seguida, transferiu-se para São Paulo, onde completou o seu aprimoramento, fazendo os cursos secundário, de admissão ao magistério e de jornalismo, tornando-se lúcido profissional dessas duas últimas categorias. Tornou-se ainda escrevente juramentado de cartório, tendo exercido essa atividade até a data de sua aposentadoria.

Campos Vergal contribuiu com inteligência privilegiada seu esforço em favor das causas populares, firmando-se como figura respeitável e bastante acatada nos círculos políticos e nas altas rodas sociais. Foi deputado estadual (1935 a 1937), na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo e deputado federal em várias legislaturas, no período de 1946 a 1970, tendo iniciado persistente trabalho com vistas às reformas sociais que se tornavam imprescindíveis na época. Como representante do Partido Social Progressista, exerceu a liderança na Câmara dos Deputados, no período de 1946 a 1950.

Era portador de elevado número de títulos honoríficos e comendas. Foi membro honorário e era portador de diploma de honra ao mérito

da Academia de Letras do Rio de Janeiro. Foi presidente do Banco Agroindustrial de São Paulo, patrono dos tesoureiros e auxiliares de tesoureiros da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional de São Paulo. Dotado de infatigável disposição para o trabalho, dedicava-se integralmente a seus afazeres, com entusiasmo inusitado. A sua formação moral era das mais rígidas. Foi um político na verdadeira acepção da palavra, mantendo-se sempre dentro da mais estrita honestidade e probidade.

Ainda bastante jovem ingressou no Espiritismo após ter lido as obras de Allan Kardec e Léon Denis, tomando parte efetiva no ano de 1936, na fundação da União da Mocidade Espírita de São Paulo. Nas décadas de 1930 a 1950, tornou-se um dos mais destacados e requisitados oradores espíritas, tendo a oportunidade de ocupar a tribuna de centenas de instituições espíritas no Estado de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná, tendo também participação ativa na fundação de muitas dessas entidades. Possuindo sólida bagagem intelectual, além de expressiva mediunidade, destacava-se com raro brilhantismo na tribuna, mantendo diálogo com os assistentes, a fim de esclarecer melhor os argumentos empregados nas palestras.

Na imprensa espírita, Campos vergal fez a sua estréia no tradicional órgão A Aliança, em São Paulo e permaneceu muitos anos nos quadros diretores da União Federativa Espírita Paulista, tornando-se também o diretor-presidente da Sociedade Rádio Piratininga, PRH-3, na qual apresentava diariamente o Programa Espírita Evangélico do Brasil. Atuando ao lado de grandes vultos espíritas do passado, dentre eles Pedro de Camargo (Vinícius), Benedito Godoy Paiva, Antero Ramos e outros, desenvolveu incessante campanha em prol da divulgação da Doutrina dos Espíritos, semeando em solo brasileiro as sementes do Evangelho de Jesus, à luz da Terceira Revelação.

Conselheiro nato, as palavras de Campos Vergal eram muito

acatadas. Dotadas de elevado senso de responsabilidade, faziam restabelecer a paz e serenar os ânimos dos mais exaltados. Conseguia dar interpretações claras às palavras do Cristo contidas no Evangelho Redentor. Enfatizava temas que versassem sobre a fé e a esperança, salientava a necessidade da prática do amor ao próximo e a importância da prática da caridade. Possuidor de notável poder persuasivo, conseguiu atrair muitos adeptos ao Espiritismo. Diversas Casas Assistenciais em São Paulo Minas Gerais e no Rio Grande do Sul têm o seu nome.

O professor Romeu de Campos Vergal passou seus últimos anos de existência terrena entre seus livros, sempre ativo e interessado em tudo. Homem de grande cultura e dotado de apreciável grau de humildade, jamais deixou que as glórias do mundo ofuscassem o seu desvelado amor pelos pequenos e desditosos da Terra. De sua bibliografia, destacam-se: Reencarnação e pluralidade das existências, Levanta-te e caminha, Bandeirantes da imortalidade, obras espíritas. É também de sua autoria o livro Uruburetana, de fundo indigenista e o livro O Conde de La Rose, histórico ambos são coletâneas de contos.

No ano de 1977, aos 74 anos, bastante enfermo e quase sem poder locomover-se, Campos Vergal tomou parte na solenidade comemorativa do quadragésimo aniversário de fundação do Centro Espírita Deus e Caridade, de São Paulo, dando uma inequívoca demonstração do seu grande amor à Doutrina Espírita. O seu gesto teve elevada repercussão entre todos os participantes da reunião, que tiveram a oportunidade de ouvi-lo. Até a sua desencarnação, no dia 23 de julho de 1980, em Serra Negra, sua cidade natal, Campos Vergal desempenhou com muita dificuldade, mas de modo eficiente, a sua grandiosa tarefa missionária.

Extraordinário seareiro, o professor Romeu de Campos Vergal foi um zeloso cultor da Doutrina codificada por Allan Kardec, que muito lhe

deve, pelo seu incomparável esforço em favor da divulgação dos seus postulados em terras brasileiras. De todos os numerosos títulos que recebeu em vida, o que mais prezava era : de espírita cristão, pois ele considerava o Espiritismo como autêntica mensagem do Céu à Terra uma doutrina dinâmica, suscetível de equacionar os milenares e angustiantes problemas que assolam a humanidade.

Maria Ap. Romano - Jornal O Semeador

Surge et âmbula

Quem manuseia as páginas do evangelho cristão, encontrará a velha é decadente Cafarnaum dormitando, sonolenta, á margem tranqüila na placa de ametista, que é o lago Tiberíades. Numa tarde, a cidade se alvoroça: chegava; precedido pelas auras da fama, um popular revolucionário, rabi da Galiléia, que andava operando curas esplendidas, com seu alto poder curador, as quais eram consideradas milagres pelo vulgo. Na praça principal se reunira muita gente, centralizada pela figura do invulgar messias: Súbito as atenções se fecham em conhecido paralítico, para ali conduzido em sua cama. O Nazareno se aproxima do anquilosado, superpõe-lhe a mão é exclama, com voz ressoante de energia e doçura: "Surge et âmbula!"e, aos influxos do magnetismo poderoso do grande mago da Judéia, o doente se levantou e se pôs a andar, banhado de alegria, ao som da admiração geral!

*

Hoje novos ventos sopram; os favonios da liberdade espiritual desprenderam-se dos quebrados vasos do medo, do dogma, da ameaça... O espírito, rompido o casulo do tradicionalismo estéril, livra-se na azas da evolução; o pensamento, águia emplumada, de larga envergadura, - rebentadas as correntes do religiosismo atávico, - difunde-se pelos espaços ganhando em extensão e profundidade...

Os deuses valetudinários, cegos, surdos, mudos, nebulosos, criados pelas crenças organizadas, estão caindo dos pedestais...

E uma vida dilatada e forte sobe de nível numa ânsia incontida de perfeição.

Este livro não é, por, para as ovelhas do rebanho de Panurgo, nem para os que ainda tremem e temem ante as ameaças cinzeladas pelos "castigos divinos". - E', sim, para os libertos, os que alijaram de si as

corroídas muletas; para os candidatos a um conhecimento superior do homem e das coisas, para os que desejam enfrentar a Vida cômicos e senhores.

Perdesse, eu diria a cada ser humano, que em essência é (mesmo que o não queira ou não o saiba) um espírito imortal, uma chama eterna ardendo dentro do infinito da Vida... Vida universal, inteligente, que se manifesta em tudo e em todos:

- LEVANTA-TE E CAMINHA!

I

A Imortalidade na Índia

Contemplemos a antiqüíssima e sonhadora Índia. O Bramanismo ou Hinduísmo, fundado por Viasa, é uma filosofia religiosa vasada nos livros Vedas, Upanixadas e Puranas. Calcula-se que foi introduzido nas terras do Ganges ha uns 60 mil anos.

Como a literatura dos Caldeus sumiu da vista posteridade profana, bem assim tudo que dizia respeito á submersa Atlântida, também o Rig-Véda, é o mais antigo exemplar da religião Atiária, permanece mudo ante os orientalistas, que não compreendem em seu espírito, porque não encontram o código que o devia revelar. Pois bem, é de lá, fundo dos tempos, atravessando gerações e milênios chegam até nossos dias ensinamentos profundamente expressivos como estes:

*"A alma dorme na pedra, sonha na planta,
move-se no animal, e desperta no homem"*

No "Bagavad Gita", que é o Evangelho da Índia, depara-se-nos interessante diálogo entre Krishna, e Arjuna, em que o primeiro ministra ao segundo importantes lições:

Krishna: "Eu e vós tivemos vários nascimentos. Os meus são só conhecidos por mim; mas, vós não conheceis os vossos. Conquanto eu não seja mais, por minha natureza, sujeito a nascer e morrer, contudo; todas as vezes que a virtude declina no mundo e que o vilão e a injustiça exorbitam; então eu me torno visível e, assim me mostro de era em era, para a salvação do justo; o castigo do mau e o restabelecimento da virtude. - Tudo o que nós sucede neste mundo é a conseqüência dos atos anteriores. Somos o que pensamos, e os atos da presente existência amadurecem numa vida futura.

"Assim como se deixam os vestuários velhos para se usarem novos, também a alma deixa o corpo para voltar a vestir novos corpos".

ARJUNA: "Como devo compreender-te, ó Senhor, quando dizes que tu foste quem enviou a Vivavast? Ele viveu no principio do Tempo e tu nasceste ha poucos decênios?"

Krishna: "Muitos. já foram os meus nascimentos, ou renascimentos, e muitos também já foram os teus, ó Arjuna. Eu sou consciente deles todos, mas tu não o és". (1)

(1) (Bagavad Gita quer dizer: A sublime canção da Imortalidade.)

Ao observador inteligente cumpre comparar este trecho com o Evangelho, (segundo João, cap. VIII, v; 57 e 88): Disseram-lhe os judeus - "Ainda não tens cinqüenta anos e viste Abraão?" – Afirmou-lhe: Jesus: "Em verdade, em verdade, vos digo que antes que Abraão fosse feito, eu sou". - Há, pois, ambos os evangelhos a mesma e grandiosa lição.

Essa mesma sabedoria antiga, cujos princípios medulares são constituídos pela imortalidade, reencarnação e evolução do espírito, ainda nos acena uma fabulazinha, cuja finalidade é destruir o pavor da morte: uma lagarta, em meio de sua grei, sentindo aproximar-se-lhe o entorpecimento que lhe anunciava o muito breve findar-se de sua existência rasteira, convocou, amargurada, suas amigas e lamentou: "Quanto é triste pensar que tenho que abandonar a vida, cheia de tantas promessas luminosas!" Ceifada em pleno verdor da mocidade, pela mão terrível da morte, sou um exemplo vivo da impiedade da natureza. Despeço-me de vós para sempre. Amanhã não existirei mais". - E, acompanhada de fartas lágrimas, encerrou-se em seu estojo mortuária e letargiou-se. Outra lagarta, a mais observou tristemente: "Nossa irmã nos deixou e assim todas nós, uma após outras, iremos caindo sob a foice da grande destruidora, como a erva do campo se abate á passagem do alfange".

E após prolongadas lamúrias, separaram-se com profunda magoa.

Ora, todos percebemos claramente a ironia desta; historiazinha e rimo-nos da ignorância dessa lagarta que, transformando-se em crisálida, não só continuava a viver sob outro aspecto, como evoluía para outra forma mais progredida. Todos os reencarnacionistas reconhecem na metamorfose da lagarta em borboleta, uma imagem muito oportuna da transformação que aguarda a todos os seres humanos; pois a vida persiste ainda e sempre, enquanto natureza elabora suas transformações.

No século 5.º, A. C., um príncipe faustoso, Gautama ou Sidarta, - que depois ficou sendo universalmente conhecido por Buda, isto é, o Sábio, Santo ou, Iluminado, - trocara suas roupagens de nababo pela estamemha de frade mendicante. Ao combater a injusta e revoltante instituição das castas sociais, em seu país, ensinou a seu povo a lei do Karma ou de Ação e Reação, segundo a qual ninguém se libertara do Sansára, roda dos renascimentos, enquanto não for homem Perfeito. - Há hoje cerca de 500 milhões de budistas. Aconteceu, todavia, com esta religião o mesmo que sucedera a outras remotas e recentes: foi deturpada e vendida a grosso e a retalho no balcão das negociatas.

No Cristianismo também se registra idêntico fenômeno histórico, em qualquer página da marcha da civilização. Pode-se afirmar que a doutrina do Nazareno só alojou apenas no cérebro ocidental, mas não desceu ainda ao coração. Tanto o budismo como cristianismo, em sua pureza primitiva, são radicalmente contrárias às explorações econômicas do homem e as matanças fratricidas, pois tais atitudes o passam de torpes explorações feitas com o criminoso assentimento daqueles que querem ser os diretores espirituais e técnicos do mundo.

Modernamente:

Rabindranath Tagore, suave poeta e erudito espiritualista, notável

pensador e autor de esplendidos trabalhos ("Jardineiro do Amor", "Lua Crescente") fala-nos, com o ritmo suave de sua poesia luminosa, de sua esposa que a morte levou tão cedo, "aquela companheira que ele já amava numa existência anterior".

C. Jinarajadasa, - insigne escritor, conferencista, Cientista e filósofo hindu, universalmente conhecido, autor de diversos livros entre os quais se cita como verdadeiro monumento de sabedoria, o "Princípios fundamentais da Teosofia", - ensina magistrais lições à imortalidade evolutiva do espírito, esclarecendo brilhantemente as leis reencarnacionistas. Os trechos que se seguem pertencem ao seu esplendido trabalho "Deuses Encadeados".

"Se achardes interessante o conceito que vos oferecemos de que Deus reside em nós, e de que crescemos lentamente para nos assemelharmos a Ele pela acumulação de experiências de bondade e virtude, apenas um pequeno exame vos mostrará que o processo chamado Reencarnação deve ser parte indispensável do método para aperfeiçoamento da alma.

E' verdade que os animais de maior evolução, os nossos queridos cães e gatos, que demonstram inteligência e afeto quase humanos, sobem os degraus da escala evolutiva um a um, e renascem como entes humanos de inteligência primitiva, entre os selvagens de mente simples. Isto, porém, é evolução, e, progredir do mais baixo para o mais alto. Qualquer renascimento de um ser humano como animal seria um retrocesso, coisa; contrária á marcha da evolução.

Em Teosofia, pois, ensina-se que a Reencarnação faz parte de um processo natural de evolução humana.

Todavia, quando um indivíduo nasce na terra, aparentemente pela primeira vez, como uma criancinha, tal não se dá. Ele já viveu na terra muitas vezes; foi homem ou mulher em quase todas as raças e civilizações do mundo antigo; pensou nelas, agiu nelas e, por

consequente, modelou pouco a pouco um caráter para si mesmo. Esse caráter não pode ter sido perfeito, quando terminou sua última vida na terra; tinha talvez muitos vícios e poucas virtudes. Quando renasce, volta com o seu caráter. Naturalmente, o corpo material lhe é fornecido por seus progenitores; mas ele escolhe seus pais".

Ao concluirmos algumas anotações, condizentes multiplicidade das existências na terra da península de Décan, convida-nos ela a aceitar esta feliz conclusão: cada ser humano é seu absoluto legislador; é único dispensador de suas glórias e alegrias, como igualmente o é de sua própria obscuridade e fracasso. Cada indivíduo é, portanto, o operário que constrói o edifício de sua própria vida. Não fora assim, o mundo seria caos penumbroso ou babel trágica, atestando - a completa falência de todos os sentimentos nobres e de todos os atos humanitários; justiça e retidão seriam meras utopias.

II

Raciocinando e Concluindo

Fatalismo e pessimismo podem enquadrar-se na doutrina espírita?

Essas duas doenças psíquicas, oriundas da ignorância humana, não se enquadram nas lições do Espiritismo. O fatalismo é queimado pelo fogo dos renascimentos, e o pessimismo se pulveriza ante a luz radiosa da imortalidade evolucionária. Fatalistas e pessimistas são lagoas de águas estagnadas, isoladas do dinamismo da grande correnteza da vida universal.

O conhecimento da verdade, relativa á evolução espiritual, através das vidas sucessivas, realiza no ser humano a impavidez serena do lutador, concio então do seu poder sobre as barreiras que surgem na gloriosa senda da evolução. - E assim o Espiritismo desperta no homem a plena consciência da sua condição de imortal, despindo-o, não só de inúmeros e inúteis preconceitos, como, especialmente, lhe dá novos alentos, descortinando-lhe horizontes vastos, encharcados de luz!

Que dizer, pois, desse trágico destino, desse mistério cruel, que conduz uns indivíduos para o fastigio da glória ou para as fulgurações dos tronos, outros para o fundo lóbrego das masmorras ou para a lâmina inexorável das guilhotinas?

- Diremos que cada qual fará a colheita daquilo que semeou. "A cada um segundo as suas obras", disse com muita ciência o rabi da Galiléia. Afirmamos que a suprema justiça se vai aplicando no transcurso das incontáveis existências. Asseguramos que muitos e muitos ainda continuam presos nas garras, dum passado comprometedor, violentos, cruéis, usando e abusando pessimamente do seu poderio, do seu livre-arbítrio, que é relativo, e limitado - Repetimos: cada qual é o responsável pelo seu "próprio destino; é o forjador das grades dos calcetas ou das dores que o excruciam, assim como cada individuo é o dispensador de suas glórias, alegrias, saúde, liberdade, bem-estar.

Somente a reencarnação é que pode esclarecer estes problemas, explicando e justificando tudo, afastando especialmente a idéia duma única existência esta que engendraria um deus bárbaro, cruel, droconianamente injusto.

- Pensemos, raciocinemos, com serenidade, pontos que se seguem:

Se a cura das chagas de um enfermo estivesse em nossas mãos, não o curaríamos?

- Se o restabelecimento da vista duma pobre mulher nos fosse possível, não a restabeleceríamos?

- Se o saneamento completo do corpo de todos os sofredores; estivesse ao nosso alcance, então não os curaríamos?

- Se pudéssemos devolver os movimentos naturais e a alegria às crianças raquíticas, paralíticas, não o faríamos rapidamente?

- Se dispuséssemos de tal, poder a ponto de sustar nos ares as milhares de bombas fratricidas, que arrasam lares e escolas, assassinando e deformando mulheres, velhos e crianças, não as sustaríamos, não as desviaríamos?

- Se nos fosse possível estancar as lágrimas da incompreensão, do desespero, da profunda angústia, de milhares de criaturas, porventura não o faríamos?

- Sinto que a resposta geral e firme é esta: Sim!

Pois bem: por que então Deus não o faz? por que não soluciona ele todos esses dramas dolorosos, que convulsionam interna e externamente as criaturas humanas, sendo ele o Criador, o Todo Poderoso?

Somos acaso melhores do que ele?

Como responder a estas inquietantes perguntas, a estes tremendos problemas? com evasivas? com mistérios? com ameaças? com a imposição do pavor? com longas e inúteis súplicas como vítimas implorando clemência a um soberano atroz?

Compreendamos e assimilamos bem o seguinte, que responde, em boa parte, aqueles requisitos: Deus é antes de tudo a lei suprema do universo; é manifestação integral da Vida, Vida universal, inteligente. Ninguém o burla, ninguém o compra, ninguém o corrompe. São inúteis as promessas vagas, nebulosas. Não se comove, não protege, não persegue; não chora, nem odeia. Daí, a lei de causas e efeitos; daí a indeclinável responsabilidade pessoal, a necessidade inexorável de milhares de seres humanos resgatarem, em novas encarnações, as crueldades, as violências, cometidas em preteridas existências.

E o Espiritismo esclarece todos esses pontos, focalizando nesses problemas as luzes das suas encantadoras lições, plenas de conhecimentos, ricas de serenidade, iluminadas de esperança e de lúcidas consolações!

III Na terra das Pirâmides

Egito concorre generosamente para a causa da imortalidade ascensional: Hermes Trimegisto, o Cristo dos remotos conterrâneos dos faraós, fundou, há uns 44 mil anos, o Hermetismo, cuja característica é a ciência ou poder sobre as forças ocultas.

Atualmente restam de sua doutrina apenas fragmentos, mas as pirâmides, as ruínas dos tempos e os labirintos, com suas paredes cobertas de instruções hieroglíficas, falam de modo profundo das coisas transcendentais. Em rolos de páginas, que desafiam a obra destruidora do tempo, se encontram os remanescentes dos livros sagrados dos egípcios: Os misteriosos documentos podem ser consultados; as chaves, porém, de sua integral decifração, desapareceram. Champolion e outros egiptólogos não foram ainda além do abc da sabedoria secreta dos hieróglifos. - Concluindo: o hermetismo não só admite à reencarnação no reino hominal, como também, em forma evolutiva, a aceita em outros três reinos: mineral, vegetal e animal.

Antes de deixarmos a região encantadora das papoulas, que abrem risadas vermelhas, colorindo; ainda mais as plagas da esfinge, apresentemos "Lês Egyptes", valioso livro em que Marius Fontane revela parte da transcendental filosofia do povo do país das múmias e dos sarcófagos:

"Antes de nascer, a criança viveu e a morte nada termina. A vida é um porvir; ela passa como os dias solares que recomeçam ".

A doutrina; Hermética aprofunda-se mais: aceita que o espírito vem realizando sua viagem pelos diferentes reinos da natureza:

"A pedra se converte em planta, à planta em animal, o animal em homem, o homem em espírito, o espírito em Deus ".

Heródoto, conhecido historiador grego, em suas pesquisas pelo país

do Nilo, reafirma os mesmos conceitos:

"Eles afirmam que a alma passa dum ser que morre a um ser que nasce, e depois de ter percorrido, o mundo terrestre, aquático e aéreo, vem animar um corpo humano."

(História, II.º - 123).

Vê-se, pois, que tanto quanto os reencarnacionistas de agora, sacerdotes e mais homens de apreciável nível intelectual tinham como ponto pacífico a pluralidade das existências no país, da bela Cleópatra.

Isto, "mutatis mutandis", encerra um fato incontestável da vida universal: a evolução se desdobra da monera ao homem. E a vida do homem se distende, no infinito do tempo, através da multiplicidade das existências, desde o selvagem mais rudimentar ao sábio mais santo ou ao santo mais sábio; como Viasa, Krishna, Buda, Pitágoras, Cristo, Francisco de Assis.

Atentemos no dizer de Buchner e de Haeckener, em suas belas explicações relativas à evolução das formas, as quais, em sua ânsia de perfeição, se vão burilando com cinzel das centenas de milhões de anos, desde a do obscuro e inconsciente protozoário até o vaidoso "homo sapiens"! É a mesma evolução do espírito imortal através de formas lentamente progressivas, de que nos fala Flammarion em seu majestoso e profundo livro "O mundo antes da criação do homem". A diferença entre os dois grandes sábios, Buchner e Flammarion é apenas esta o alemão admite somente a evolução das formas, da matéria coordenada e dirigida pela força que promana dela mesma; o francês aceita e ensina, além da evolução da forma nos moldes da doutrina do sábio germânico, mais isto ainda: o progresso ilimitado do espírito imortal através dessas mesmas formas e delas independente: Para o primeiro a matéria é o único elemento real da vida, é a mater-genetrix de todas as atividades motoras e sensoriais. Para o filósofo gaulês do Observatório Astronômico de Paris, o espírito é a inteligência que vem

moldando, segundo seu progresso, as formas que vai vestindo e desvestindo, no percorrer a grande estrada da evolução, que se distende da perfeição inconsciente (a monada, a monera, o protoplasma) á feição consciente (um Pitágoras, um Confúcio, Jesus).

IV Indagações

- Por que há homens felizes e homens infelizes?

- Porque o homem-espírito é a construtor da sua própria vida, é o operário da casa que ele mesmo edificou e na qual se encerrou; é o único dispersador de suas glórias e alegrias, bem como é o próprio forjador das duras cadeias de sofrimento, a que se prende. Daí, o ninguém poder alijar de si sua indeclinável responsabilidade, pessoal.

- Nossa felicidade ou infelicidade depende terceiros?

- A verdade fundamental é que somos a produto do passado, e seremos amanhã a consequência de nossas ações e atividades do presente: Os outros não respondem por nós, como nada pagamos pelos outros. A influência de terceiros em nosso destino é muito relativa, é secundária; aliás, é muito significativo o ensinamento do Mestre quando sentenciou: a cada um segundo suas obras.

- Pode a divindade proteger-nos ou perseguir-nos?

- Claro que não. A felicidade que gozamos ou o sofrimento que amargamos não constituem favor nem perseguição da divindade, pois, Deus é a Justiça Absoluta, que não protege, nem persegue a ninguém. Os homens sim é que se ajudam e se prejudicam mutuamente, segundo suas inclinações, afinidades, paixões; por isso continuam eles divididos em partidos, em grupos, em nações, em raças, que se guerreiam, ou se unem em alianças ora defensiva, ora destruidoras.

- Devemos fazer promessas, a fim de obter alguma coisa dos santos ou das divindades?

- Este é um costume religioso antiquado, desprovido do bom senso espiritual. É inútil tentar com dinheiro ou com promessas subornar leis divinas: As promessas religiosas constituem um jogo de interesses subalternos, em que se procura atrair a proteção dos "santos", gênios tutelares ou divindades em troca de oferendas, óbulos ou de sacrifícios.

Os espíritos elevados, superiores realizam o Bem, praticam a Bondade, independente de retribuição, de paga, da nossa parte. Quem faz promessa a um ser, a fim de alcançar qualquer objeto, esta tentando ilaquear a dignidade desse ser, ou envolvê-la numa permuta de interesses...

- Devemos temer a morte?

- Não devemos temer o que, na realidade, não existe. Se nem o corpo morre, mas, apenas se transforma, quanto mais o Espírito que é permanente, indestrutível, evolucionário. O que existe veramente é a desencarnação e reencarnação do espírito; em sua marcha natural, progressiva incoercível. Nada existe que seja verdadeiramente morto em a Natureza.

- Devemos pensar em nossa salvação?

- "Nossa salvação" é coisa incompatível com as lições vitais do Espiritismo. Se existisse salvação, existiria também perdição. O que existe indubitável e logicamente é a evolução do Espírito através de vidas sucessivas. Ninguém está salvo, como ninguém está perdido. Nenhuma ovelha do rebanho universal se perderá, porque a Suma Sabedoria, vigilante é onipresente, se manifesta imanente em tudo e em todos. Salvação, perdição; pecados mortais, morte, condenação eterna; cólera divina e quejandos são velharias dogmáticas, fundamentadas no medo, medo sobretudo das perseguições e castigos divinos, tão ao sabor das religiões antigas.

- Como surgiu a idéia dos castigos divinos?

- Remontemos aos tempos em que a espécie humana, nas mais diversas regiões e épocas, começou libertar-sé do animalismo. Subjugada pelo terror que inspiravam as potências naturais, concebeu e viu no raio, no furacão, no terremoto, nas epidemias, nos trovões, as manifestações diretas de divindades irascíveis, cruéis, que se compraziam em torturar os homens. Daí o prestigio e o pavor de

milhares de deuses; de tupãs, de júpiter, de cíbeles, de junos, de saturnos, de marduques, de istar, de baal-molóques, de chivas, de jeovás, de tanís, de alás, de parabramas, de Zeus, de Osíris, de vótans, cada qual em sua imensa corte, desde as musas e as graças dos gregos até ondinas e as valquirias dos germanos.

Como devemos agir: amedrontando as criaturas com castigos e ameaças ou procurando incutir conhecimentos?

- E funesto e retardatário o processo de ameaça de castigos post-mortem. O terror da morte preconizada e ministrada pelas religiões antigas obumbra, escurece completamente a beleza, os encantos da vida. E' tempo de se ir substituindo o cárcere físico ou mental das ameaças e das imposições jupiterianas pelas escolas dá liberdade de consciência, de pensamentos, de livre análise, iluminadas pela sabedoria veramente espiritual.

Por que comete o homem tantos erros?

- Porque sua razão ainda não desabrochou integralmente; ainda não lhe brotou no intimo a verdadeira consciência da imortalidade evolutiva do espírito, este peregrino do infinito; deixai-o, porém, em sua grande e inexorável luta, e ele adquirindo experiências necessárias e cultura espiritual, que ilustra e abranda; então sua razão poderosa arrancará à natureza seus íntimos arcanos e conhecerá a existência de outros milhões de planetas esparsos pelos infinitos, onde habitam humanidades suas irmãs regidas pelas leis supremas de sabedoria mental e mecânica celeste. E para se chegar a isso é que ha inscrito, no frontispício dos astros e da vibração das moléculas, na suavidade do passaro que canta ou no sentimento da mulher que chora, esta legenda sublime; sempre para a frente e para o alto!

- Choca-se o Espiritismo com os principias de evolução dos sábios materialistas?

- E' mister que se diga inicialmente que os maiores sábios do

"evolucionismo das formas" são Buchner, Haeckel, Darwin, Fritzmuller, Spencer e outros. Suas teorias relativas à evolução, distendendo-se do protoplasma às formas animais, ou da monera ao homem, são profundas e grandiosas; embora materialistas disseram mais verdades do que muitos "espiritualistas" dogmáticos, cristalizados, que não as puderam ou não as quiseram compreender.

- Qual a diferença fundamental entre essas duas correntes evolucionistas: a espírita é a materialista?

A diferença essencial está em que os filósofos materialistas estudam e esposam o problema da evolução, apenas unilateralmente, apreciando só o drama evolucionário das formas; ao passo que os evolucionistas espíritas (bem como os teosofistas, os rosa-cruzes e os esoteristas) aceitam e ensinam essa evolução, e sabem e afirmam que através dessa longa cadeia evolucionária, o elemento essencial é o espírito (somos nós, e não o nosso corpo) que vem operando dentro da lei da multiplicidade das existências, sua marcha progressiva, ascendente. Cooperam brilhantemente no esclarecimento deste magno problema os grandes escritores espíritas: Kardec, Flammarion, Delanne, Léon Denis, Oliver Lodge, G. Trespioli Blavatski, Anie Besant, Emanuel (este com suas últimas e brilhantes mensagens vindas por meio da extraordinária mediunidade psicográfica do nosso sempre caro Francisco Candido Xavier).

Sejamos justos: não nos esqueçamos, todavia que a civilização muito deve aos sábios materialistas do transformismo e do evolucionismo, pois, foram eles que, aqui no ocidente, prepararam campo afim de que, um pouco mais tarde, jorrassem as luzes Espiritismo no vasto cenário das atividades humanas.

V Na pátria de Sócrates

Remontemos, em pensamento, á artística e sempre gloriosa Grécia, onde Orfeu lançou em tempos idos (de que nos falam Homero e Hesíodo) a religião da Beleza e da Harmonia. Tragamos á baila alguns de seus sóis de primeira grandeza, ante os quais minha pobre cultura se dilui e desaparece:

Pitágoras: o mais filósofo de todos os poetas seus contemporâneos, e o maior matemático entre todos os filósofos. Dizia lembrar-se de ter sido Hermontino, Eufórbio e um argonauta, respectivamente, em suas três últimas encarnações. E autor dos "Cem Versos Dourados", que constituem uma síntese maravilhosa de suprema espiritualidade e de nobreza. Os referidos versos terminam com esta gema de inapreciável valor:

*“E ao deixarmos um dia o lado Material,
Viveremos no Além como um Deus Imortal”*

Esse grande matemático acentuava tanto a idéia das vidas sucessivas que, quando seus alunos aprendiam este mistério e, dominados pelo entusiasmo, imaginavam terem sido célebres tiranos ou monarcas célebres no passado, inquiriam do Mestre o que para ele, quando se julgavam tão poderosos, respondiam-lhes ironicamente: "Enquanto éreis tão poderosos e os homens tremiam sob vossa autoridade, eu era galo simplesmente.

Platão, o divino, fundador da Academia. (427 A. C.) não ocultava suas convicções imortalistas e reencarnacionistas. Em seus livros, principais (Phédre, Phédon e Timeu) inúmeras são as enunciações afirmativas da preexistência e supervivência do espírito. Registremos aqui quatro pequenos trechos, colhidos, com facilidade, nas obras retrocitadas:

"O corpo é túmulo que arrastamos conosco, como o caracol arrasta a

concha que o envolve. A ele nos unimos fatalmente em punição de algum delito. O corpo é casa de educação e correção. "Scire est reminisci".

"E certo que os vivos nascem dos mortos e que as almas dos mortos tornam a nascer".

"E' uma opinião muito antiga a de que as almas, quando deixam este mundo, vão para os planos inferiores e daí elas saem e voltam à vida depois de terem passado pela morte".

"Parece-me também que nada se pode opor a estas verdades e não somos enganados quando as aceitamos. Porque é certo que ha uma outra vida, que as almas dos mortos existem, e as almas virtuosas estão melhor, e as dos maus, pior".

Apolônio, de Tiana, extraordinário taumaturgo, cujos prodígios quase se igualaram aos do suave Rabi da Galiléia, fora discípulo de Pitágoras e admitia a reencarnação como função normal da vida do espírito:

"Ninguém morre a não ser na aparência, da mesma maneira porque ninguém nasce senão aparentemente. Com efeito a passagem da essência a substância, eis ó que se chama nascer; e o que se chama morrer é o contrário, a passagem da substância á essência. Não nasce coisa alguma, nem morre, na realidade; mas tudo aparece para se tornar invisível em seguida".

Dizendo-lhe respeito em "Terra Incógnita, o Barão de Ergonte escreve:

*"Quinze anos incompletos de existência
E já longe do lar, na antiga Tarso,
Confundias os velhos sacerdotes
Do Templo de Esculápio, que cursavas,
Combatendo os princípios das escolas*

*Platônica, epicúreas, a estóica mesmo,
A todas preferindo a pitagórica.
E os teus pressentimentos?... Vias claro...*

Se continuássemos a espalmar as asas do pensamento sobre o berço da filosofia, a terra que, mesmo sob o domínio draconiano de Roma e da Macedônia, continuava dominando o mundo pelo espírito, traçando diretrizes luminosas nas ciências, letras, educação física, leríamos novas lições das vidas sucessivas; que cantam o poema da imortalidade, nas estrofes órficas... Era também a crença de Sócrates e de Empédocles. Se estes não manifestaram publicamente, com todas as particularidades, a Palingenesia espiritual, é porque o juramento iniciático não o permitia até certo ponto.

Durante a longa noite medieval (de 395 a 1453) princípios reencarnacionistas sofreram um eclipse, E sua órbita pública; as escolas esotéricas tornam-se ocultas, donde se derivou o nome de ocultismo. Assim tais ensinamentos permaneceram, até que nova aurora de liberdade permitiu o livre exame do pensamento.

Terminemos este capítulo com uma expressiva afirmação de Hierócles, conhecido filósofo platônico século V:

"O princípio das reencarnações representa a única maneira de se compreender as vias e a justiça da Providência".

Fixemos, pois, na mente que imortalidade e reencarnação já eram assuntos importantes de que usavam cogitar ilustres sábios das escolas ante-socrática, socrática e post-socrática... E Sócrates foi proclamado o mais sábio dos homens pela notável pitonisa (médium) de Delfos, num dos seus acatadíssimos oráculos!

VI

Na península Itálica

A Itália também tem concorrido para a consolidação dos princípios da evolução espiritual, embora Roma seja a sede da Igreja Católica, que, por interesse de ordem política e social, combate extremadamente a doutrina multiplicidade das existências e todas as outras idéias de libertação espiritual.

Folheando a "Eneida" (liv. 6.º, 679 a 751) do imortal Virgílio, depara-se-nos que o grande vate aceitava, como ponto pacífico, a verdade reencarnacionista. Refere-se ao rio Létes, cujas águas as sorviam avidamente, a fim de se esquecerem do passado ao tomarem novo corpo. Idêntica afirmativa faz a "Nova Mitologia Grego-Romana", P. Commelin; com o simbolismo do rio do esquecimento. Não podemos furtar-nos ao prazer de transcrevê-la.

"Depois de um grande número de séculos passados nos infernos, as almas dos justos e as dos maus, que tinham expiado os seus crimes expiravam a uma vida nova, e obtinham o favor de voltar á terra, habitar um corpo e associar-se ao seu destino. Mas, antes de sair das moradas infernais, deviam perder a lembrança da sua vida anterior, e para consegui-lo bebiam as águas do Létes, rio do Esquecimento. A porta do Tártaro, que dava para esse rio, era oposta à que abria sobre o Cocito. Aí, as almas puras, subtis e leves, bebiam com avidez essas águas, cuja propriedade era de apagar da memória todo o vestígio do passado, ou de apenas deixar vagas e obscuras reminiscências. Aptas então para entrar na vida novamente e a sofrer-lhe as provações, as almas eram chamadas pelos deuses a tomar nova encarnação".

"Todavia, Enéas avista num canto, do vale um bosquezinho isolado; as águas do Létes banhavam esse lugar tranqüilo. Nas margens do rio volteava uma multidão, de sombras de todas as nações do universo...

"Enéas, surpreendido, pergunta a seu pai qual é esse rio, e porque

todas estas sombras parecem tão apressadas na margem. "Estas almas, respondeu. Anquises, devem animar novos corpos; é por isso que vêm em multidão às margens deste rio, cujas águas, que a largos goles bebem, lhes fazem perder a lembrança do passado. Desde ha muito tempo, meu filho, desejo fazer-vos conhecer aquelas almas, que devem formar vossa gloriosa posteridade". "O, meu pai, interrompeu Enéas, é crível que estas almas voltem a terra para animar novamente corpos mortais? Será possível que desejem com tanto ardor ver de novo a luz e que tenham tanto gosto para esta infeliz vida?"

A revelação da pluralidade das vidas está claramente exposta neste trabalho. Ha, pois, como se vê, a necessidade imprescindível de que a reencarnante beba ás águas do Létes ou do Esquecimento, afim de que um pesado velório desça entre esta, e a última existência.

Nessa mesma Mitologia ha, veladamente outras explanações que reafirmam a medida soberamente justa dá palingenesia espiritual. Ora, para as mentes esclarecidas nem tudo em a Mitologia e fábula; é fantasia. Quantos e quantos ensinamentos magníficos ali se encontram, simbolicamente camuflados em produções imaginativas!

Folheando ás páginas da "Divina Comédia", o pesquisador paciente e imparcial deverá deter-se ante a versos sumamente expressivos do taciturno florentino que, além de perfeito artista, possuía algo de sublime transcendentalismo. Estamos com Ozanan, conhecido escritor, quando reconhece que o traçado da "Divina Comédia", segue muito de perto das linhas mestras da iniciação antiga na doutrina dos renascimentos. Apreciem os adversários da preexistência e mais os da supervivência do espírito o alto significado destas concepções:

*"Ma come danimal devegna fante,
Non vede tu ancór: questo é tal punto,*

Che piú savio di te gia fece errante".

- Purg. C. 25, V. 61 -

Aquele tempo não oferecia ambiente, em que se pudessem lançar as grandes idéias fundamentais da Vida. Mesmo assim, Dante avançou ainda mais, esposando a idéia de que o animal se transforma em homem selvagem:

*"Anima fatta la virtute attiva,
Qual di una pianta, in tanto differente,
Che quest'è in via e quella é, gia arriva".*

O comentador apanhou muito bem o sentido dos versos do grande Alighieri:

*"L'uomo vive prima la vita delle piante,
poi quella degli animali, poi la propria
dell'uomo, che é la razionale".*

Ora, está potentíssimo que o pessimista e fervoroso apaixonado da linda Beatrice, não só admitia a pluralidade das existências para os seres humanos, como também aceitava que o espírito hominal vem de muito longa viagem, atravessando evolutivamente os reinos: mineral, vegetal e animal. Concorda, pois, o imperecível dramaturgo, em gênero, número e caso, com os remotos hindus e egípcios.

Atualmente na Itália ha grandes cérebros que, incluíram em sua filosofia os princípios da multiplicidade evolutiva das existências e, ipso facto, imortalidade do espírito, com sua inseparável responsabilidade sempre construtora.

Registremos aqui opiniões de comprovada capacidade moral e intelectual:

Innocenzo Calderone (Diretor da "Filosofia Del Scienza"):

"Uma lei de evolução do ser que, através das etapas indefinidas do

seu futuro, acaba por atingir uma consciência pessoal e perfeita".

C. O. Zuretti (Professor da Universidade de Palermo)

"Certamente que a reencarnação terá conseqüências morais incalculáveis, segundo o maior ou menor bem das vidas anteriores".

Francesco Porro (Professor da Universidade de Genova):

"O valor moral e social da doutrina da reencarnação ressalta, da maneira mais clara e mais evidente, das palavras de Giuseppe Mazzini, acerca das existências sucessivas".

Paulo V. Scozzi (Jornalista):

"Entre as sábios do Oriente e do Ocidente, que admitiram esta doutrina, encontra-se Dante Alighieri, que se cria reencarnação de Trajano".

Giuseppe di Giorgi (Engenheiro em Palermo):

"Creio que o fenômeno mais notável, que melhor milita em favor da reencarnação, é o dos calculadores prodígios, entre os quais se encontram crianças de 3 a 10 anos".

M. Antonio Táranto (Ex-Conselheiro da Corte de Palermo):

"Encontram-se traços dela, mais ou menos manifestos, nas obras de Franklin, Victor Hugo, Goethe, Fichte, Schelling, Lessing e Hume; este declarou que "a reencarnação é a única doutrina da imortalidade digna de ser tomada em consideração por um filósofo":

Ernesto Volpi (Diretor do "Vessillo Spiritista", de Milão):

"Devido a fatos magnéticos e espíritas, ligados á outras circunstâncias da minha vida é que cheguei à inabalável convicção de que conheci minha esposa atual em outras existências terrestres e de que, por afeição, com, ela me havia casado em todas essas existências".

Ernesto Bozzano é hoje uma das maiores glórias do Espiritismo. Grande e dedicadíssimo estudioso dessa Ciência e Filosofia; aprofundou-se nos conhecimentos, de tal sorte que oferece ao mundo dos que estudam, raciocinam e se libertam, livros surpreendentes,

verdadeiros repositórios de investigações rigorosas, conclusões indestrutíveis. Entre duas obras primorosas, leiam-se, verbi gratia, estas duas: "Metapsíquica Humana" e "A crise da morte", è ter-se-á idéia bem assentada desse grande cientista e intelectual espírita.

Gino Trespioli, advogado e professor em Milão: uma das mais belas e expressivas culturas do Espiritismo universal. Verdadeiro cantor da imortalidade, da reencarnação e da evolução. A cooperação Trespioli é uma das mais notáveis, pelo seu cunho científico. A ciência moderna, oficial, não pode contradizer, com bases razoáveis, o manancial de esplendidas afirmações que o emérito advogado eminente em suas obras. Destas, três se destacam pelo seu incontestável, valor:

"La Vita", "Ultrafania" e "Rincarnazione".

Gino Trespioni é um dos grandes heróis da vera espiritualidade, uma existência excelsa consagrada ao levantamento intelectual da humanidade, no que diz respeito à sua libertação espiritual pelos portais da razão, da lógica e da evidência dos fatos.

VII

Raciocinem conosco os materialistas

Quando as ondas luminosas chegam aos nossos olhos, penetram pelas nossas pupilas, e formam na retina o quadro encantador duma paisagem que se desdobra ante a nossa vista, são acaso os órgãos visuais que têm a consciência da beleza, a sensação do valor estético, que sente a empolgante perspectiva, que se comovem ante o jogo maravilhoso de luzes e sombras de vibrações e nuances? São acaso os órgãos visuais que realizam depois o juízo artístico, á apreciação puramente sentimental?

- Claro está que é o espírito que, embora jungido à matéria, como o artista ao seu instrumento, possui a sensibilidade impressionada pelo Belo, a sentimento estético e as faculdades de discernimento e apreciação.

- Que podem saber os órgãos auditivos das finíssimas emoções que produzem as músicas de Chopin, de Stráuss, de Liszt, de Beethoven? São tais órgãos acaso que sentem, que se emocionam ao contacto das expressivas harmonias? Ora, compreendamos que os centros auditivos estão para a arte para a beleza da música, como os aparelhos receptores de rádio estão para os seus ouvintes; são aparelhos receptores apenas...

- Que entendem os centros táteis, das sensações que produzem as mãozinhas de pétalas das crianças que acaricia as faces da mãe inundada de alegria?

- Como raciocinaria a epiderme relativamente ao mundo de sensações delicadas e subtis promanadas dos beijos que se permutam os seres verdadeiramente enamorados?

- Que poderá entender o centro da memória, - localizada por alguns nas células nervosas, por outros nos grupos de neurônios e, por terceiros, em certas circunvoluções do cérebro, - do amor que revive

uma recordação, ou do ódio que ressurge na lembrança duma tragédia longínqua no tempo e no espaço? Ou simplesmente da recordação imaterial de uma palavra que feriu nossa sensibilidade, ha alguns anos?

- Quais as leis biológicas que geram as subtis percepções estritamente incorpóreas; as intuições integralmente imateriais?

- Quais os princípios fisiológicos que formam pensamentos rigorosamente abstratos, no recesso da consciência?

- Quais os órgãos físicos que coordenam idéias e tomam deliberações, num mundo essencialmente subjetivo?

- No prazer e na dor, na tristeza e na alegria, no desejo e na paixão, na simpatia e na saudade em todo trabalho da mente ou em toda a determinação da vontade o cérebro desenvolve uma função puramente fisiológica sob o impulso e a direção do Espírito, que é a única força psíquica, ativa, inteligente, e que é o verdadeiro homem em sua individualidade moral, em suas expressões espirituais.

VIII

Na pátria de Vitor Hugo

Berço por excelência da democracia, a França continua sendo, no conceito das nações uma das pioneiras da liberdade de consciência e de pensamento. A terra de Voltaire é uma das mais preciosas jóias do colar das nacionalidades de elevado nível cultural. O país dos antigos gauleses prima, especialmente, no campo das indagações psíquico-filosóficas. O Espiritismo codificou-se na França, e da França continuam a partir ondas luminosas argumentando favoravelmente a essa grande Revelação que, no seu caráter progressivo, se vai multiplicando em qualidades e possibilidades. A mater-geradora dos grandes enciclopedistas, - Diderot, d'Alembert, Rousseau, Helvétio, Cabanis - inspiradora espiritual do mundo merece de todos e maximé, dos reencarnacionistas, o voto permanente de sua admiração e mesmo de seu amor.

Façamos um vôo retrogradativo, remontando às origens da história sempre cavalheiresca e nobre da pátria de Victor Hugo. Falemos dos Druidas e dos Gauleses, dessa brava gente, cujo símbolo de independência é Vercingetorix, que vendeu muito caro a Júlio César a conquista das Gálias. Citar todos os grandes nomes, que sentiram a beleza e a lógica da imortalidade e da pluralidade das existências, não é fácil. São muitos. Diremos, resumidamente, com alguns deles, algo a respeito do assunto vertente:

Victor Hugo, estrela de primeira grandeza da mentalidade nova e liberta de França; sua luz, desde ha muito, transpôs as fronteiras da Pátria e é hoje um penhor de legítima glória da Humanidade. Seu nome enche todo um século e se perpétua no tempo e no espaço, como um dos maiores educadores e instrutores de povos e gerações. Sim, legítima glória da Humanidade, porque o autor de "Os Miseráveis" passou à posteridade e conquistou lugar no panteon da História, como

reverbero de luz iluminando as estradas da dignidade, da solidariedade humana, do respeito à vida alheia, a fim de que o planeta conseguisse melhores dias, num amplo ambiente de sincera fraternidade universal. Ouçamos aqui apenas parte de sua resposta aos materialistas:

"Quem pode dizer que eu não tenho percorrido os séculos? - Não acreditais nas mudanças de personalidade, isto é, nas reencarnações, sob o pretexto de que não vos recordais das existências anteriores? - Mas como havia de ficar impressa em vós a recordação dos séculos passados, quando não vos recordais de mil e uma cenas da vossa vida presente? - Desde 1802, tem havida em mim dez Victor Hugo! pensais vós que eu me recordo de todas suas ações e de todos os seus pensamentos?

Quando eu tiver atravessado o túmulo para de novo encontrar uma outra luz, todos estes Victor Hugo serão de certo modo estranhos para mim, mas é sempre a mesma alma! Eu sinto em mim toda uma vida nova, toda uma vida futura. Sou como a floresta que tem sido abatida diversas vezes: os novos rebentos são cada vez mais fortes e vivazes. Eu subo, eu subo para o infinito! Tudo resplende sobre a minha fronte. A terra dá-me a sua seiva generosa, mas o céu ilumina-me com os reflexos dos mundos entrevistos!.. Dizeis que a alma é apenas a expressão das forças corporais. Então, por que é que a minha alma é mais luminosa, quando as forças corporais estão prestes a abandonar-me? - O inverno desceu já sobre a minha cabeça, mas uma eterna primavera floresce em minha alma! A esta hora respiro os lilazes, as violetas e as rosas, como aos vinte anos! Quanto mais me aproximo do termo, melhor escuto em volta de mim às imortais sinfonias dos mundos que me chamam! - Ha meio século que traduzo o meu pensamento em prosa e em verso: histórias, filosofias, dramas, romances, lendas, sátiras, odes, canções, etc.; tenho tentado tudo; mas sinto que não disse a milésima parte daquilo que existe em mim. -

Quando me deitar no túmulo, não direi como tantos outros: terminei a minha viagem. Não, o túmulo não é um "in pace", é uma avenida; ela se fecha sobre o crepúsculo, mas volta a abrir sobre a aurora". (2)

(2) Tendo voltado á pátria espiritual, Victor Hugo achou grande afinidade no mediunismo psicográfico de Zilda Gama, uma distinta e modesta senhora residente em Minas. Através da mediunidade mecânica de Zilda, Victor Hugo nos presenteou com esplêndidos romances doutrinários: "Na sombra e na Luz", "Do Calvário ao infinito", "Redenção". Estão otimamente escritos. É muito difícil encontrar-se obra semelhante em valor literário, conceitos filosóficos e conhecimentos psicológicos, simultaneamente. Não ficam a dever as mais bem reputadas produções dos nossos melhores intelectuais patrícios.

Camille Flammarion: notável astrônomo que fez grande renome, vasando sua nobilíssima existência na difusão de luzes à Humanidade. Foi um autêntico herói. Não desses que cimentam sua glória nas destruições, nas matanças ou na exploração econômica dos seus semelhantes, mas, dos raros apóstolos do Saber e do Bem, que pontilham de ouro as páginas escuras da história da civilização: Foi um super-esclarecido propugnador do Espiritismo e da pluralidade dos mundos habitados. Cientista, astrônomo, pensador e escritor de rara envergadura, legou à posteridade trabalhos gigantescos: O grande cultor e difusor das verdades imortais da preexistência e post-existência, e da progressividade infinita do espírito, ofertou-nos entre muitas outras, estas jóias de elevado quilate, que recomendamos aos nossos leitores: "Narrações do Infinito", "Urânia", Pluralidade dos mundos habitados, "O mundo antes da criação do homem".

Flammarion, secundando a diversos espíritas ilustres, e secundado por outros ilustres espíritas, foi um ardente defensor da pluralidade das mundos habitados.

Que é a Terra senão um átomo perdido no espaço? Que é o próprio

sol senão uma modesta estrela de 5.^a grandeza, desconhecida no meio das muitas dezenas de milhões de estrelas que formam gigantesca Via Láctea? Que são Sirius, Canópus, Arturus, Antares, Póllux, senão astros luminosos ao pé das quais o nosso sol é como a vela de sebo ao lado de possante refletor? E quem sabe das cores, das formas, das dimensões e das distâncias monstruosos, que caracterizam os muitos milhões de estrelas, cometas, planetas, satélites?

Se ha vida, animálculos, micróbios todos com elementos de defesa, multiplicando-se, lutando, em todos os lugares, até no ar e nas gotas d'água, como podemos negar que a mesma vida não se manifeste em milhões de mundos ciclopicamente maiores do que a Terra, espalhados pelos espaços imensuráveis?

Prestemos atenção neste expressivo ensinamento que vem até o nosso desejo de aprender, saber, indagar:

"Quando o sol, gradualmente resfriado, pela constante irradiação, chegar ao estado da Terra, contará sob uma crosta sólida e escura, um núcleo colossal de matérias ígneas e explosivas, presas sob sua casca; será, pois, um "mundo morto".

Se dois "mundos mortos" ao acaso dos caminhos celestes, vêm a chocar-se na espaço, quebrar-se-ão como dois ovos atirados um contra o outro mas, quebrando-se, libertarão a matéria incandescente que encerram; esta, volatilizada, desagregada pela alta temperatura, gerada pelo choque, escapar-se-á em jatos laterais; girando em espiral, os elementos não somente dissociados, mas desagregados, voltarão à sua forma mais simples, o hélio e o hidrogênio, e uma nova nebulosa se criará, no centro, da qual, o que restar dos dois corpos chocados dará uma estrela; assim se explica de maneira mais simples o aparecimento de estrelas novas, que os astrônomos por vezes observam. E da condensação dos elementos desta nebulosa, resultarão, à volta do sol renascente, planetas novos que gravitarão à sua volta. Assim sucederá

com o nosso sol em alguns milhões de séculos então extinto; produzirá por seu turno a ressurreição de um mundo e, sobre o infinito, que lhe serve de mostrador, o relógio da eternidade terá, uma vez mais, dado uma das suas gigantescas voltas.

Lancemos um rápido olhar, muito rápida, sobre a Universo e os astros que aí se movem, com uma ordem admirável. O número e o ritmo regulam os seus movimentos de uma maneira infalível e, neste relógio de prodigioso mecanismo, todas as peças funcionam sem que o seu movimento seja estorvado pelo dos seus vizinhos. Como é pequeno o homem, com toda a sua néscia pretensão e oca autoridade no meio destes mundos! menor que gotícula de água no oceano! E, todavia, pode justamente orgulhar-se ao pensar que o seu cérebro conseguiu elevar-se até a compreensão das leis deste majestoso conjunto, até a medida das distâncias celestes, até a determinação das prodigiosas velocidades dos sestros.

Porém, para além dos limites que os seus olhos, auxiliados pelos mais poderosos instrumentos, podem atingir; para além dos mais longínquos horizontes, onde o esforço da seu pensamento o pode transportar que ha ainda? que há? que misteriosos universos povoam ainda os espaços sem fim, que sucedem ao espaço, como o Tempo sempre sucede ao tempo?

A Razão sente-se impotente e tem que inclinar-se diante do grande Desconhecido, que a ultrapassa, no seu presente; como em sua causa. E em presença deste abismo de grandeza, apenas se pode repetir como o poeta: "Para além do Infinito, recomeça o Infinito!"

Homens! quebrai as grilhetas do vazio convencionalismo, rompei as algemas do medo e dos dogmas ratificados, e estudai o Espiritismo, a grande doutrina renovadora e evolucionária e ela vos mostrará, de maneira brilhante e incontrastável, a maravilhosa lei de pluralidade das existências e a grandiosidade do princípio da pluralidade dos

mundos habitados, num cenário verdadeiramente empolgante!

Gabriel Delanne foi, provavelmente, o maior dos cientistas do Espiritismo. Seu sacerdócio constituem-se nisto: "O Espiritismo em face da Ciência". Seu encantador trabalho "A Reencarnação" diz profunda e sabiamente do magno alcance desta sublime doutrina. Todos os seus livros são eloqüentes atestados de sua pujante capacidade científica, filosófica e histórica. "Escutemos os mortos" é a mais encantadora prova da existência do mundo dos espíritos e registro rigoroso de inúmeros fenômenos espíritas. Não acredito que um cidadão, medianamente equilibrado, não se torne espírita convicto, depois de ler as obras de Delanne. Canuto de Abreu, brilhante inteligência e bela cultura, disse de Delanne com muito acerto: "foi o maior chefe da parte experimental do Espiritismo, à qual deu o maior desenvolvimento ainda não suplantado. Mentalidade afeiçoada desde cedo aos estudos exatos, às frias observações, ao horror das fraudes". São de Delanne estas admiráveis palavras:

"A Pluralidade das existências da alma é a teoria que não apresenta nenhuma contradição em si, nenhuma antinomia, que está de acordo com muitos fatos certos, que se apóia na investigação e experimentação; ela tem todas as exigências para ser admitida pela Ciência".

Façamos vibrar em nosso coração um trecho dos cantos dos bardos, sussurrados sob a abóbada grandiosa dos carvalhos ou sobre as poidas penedias batidas pelas tempestades:

- Existindo desde a antiguidade, não nasci de um pai, nem de uma mãe, mas das formas elementares da Natureza, e dos ramos da bétula, do fundo das florestas, das flores da montanha: Brinquei à noite, dormi pela aurora; fui víbora do lago, água nas nuvens, lince nas selvas! Depois, eleito pelo Espírito Divino, adquiri a imortalidade. Bastante tempo decorreu e depois fui pastor. Vaguei longamente sobre a terra,

antes de me tornar hábil na Ciência. Enfim, brilhei entre os chefes superiores. Revestido dos hábitos sagrados, empunhei a taça dos sacrifícios. Vivi em cem mundos; agitei-me em cem círculos".

(Bardas cad Goddeu).

Os gauleses, iniciados pelos Druidas, acreditavam na reencarnação das almas através dos corpos. Era tão firme sua crença que, na guerra, desafiavam a morte, com coragem extraordinária.(3)

(3) César "De Bello Gallico" 6.º, cap 14-15; e Amiano Marcelino: liv. 15, cap.11.

Léon Denis: vida intensamente trabalhosa; publicou diversos livros (4). Cultura invulgar. Escritor de excepcionais qualidades. Grande cérebro e maior coração. Em a nossa linguagem: espírito de larga evolução. Seus trabalhos são incontestáveis, dada sua serenidade, lógica, impetuosa argumentação, conhecimentos notáveis em profundidade e extensão. Pesquisador paciente e rigoroso, constitui o grande autor de "O problema do ser, do destino e da dor" uma das colunas mais vigorosas do Espiritismo universal.

(4) "O príncipe Adam Wiszniewski, (rua do Débarcadére, 7) em Paris, comunica-nos a relação que se segue, feita pelas próprias testemunhas, algumas das quais vivem ainda e que só consentiram em ser designadas por iniciais.

"O príncipe Galintz, o marques de B., o conde de R., estavam reunidos, no verão de 1862, nas águas de Hamburgo. Uma noite, depois de terem jantado muito tarde, passeavam no parque do Casino e aí avistaram uma pobre mulher deitada num banco. Depois de se chegarem a ela e interrogarem-na, convidaram-na a vir ceiar no hotel. O príncipe Galintz, que era magnetizador, depois que ela ceou, o que fez com grande apetite, teve a idéia de magnetizá-la. Conseguiu-o a custa de grande número de passes. Qual não foi a admiração das pessoas presentes, quando, profundamente adormecida, aquela que, em vigília, exprimia-se num

arrevesado dialeto alemão, pôs-se a falar muito corretamente em francês, contando que se reencarnara na pobreza por castigo, em conseqüência de haver cometido um crime em sua vida precedente, em o século 18. Habitava, então, um castelo na Bretanha, á beira-mar. Por causa dum amante quis livrar-se do marido e despenhou-o o mar, do alto de um rochedo; indicou o lugar do crime com grande exatidão.

Graças ás suas indicações, o príncipe Galintz e o marques de B. puderam, mais tarde, dirigir-se á Bretanha, ás Costas do Norte, separadamente, e entregar-se a dois inquéritos cujos resultados foram idênticos. - Havendo interrogado grande número de pessoas, não puderam, a princípio, colher informação alguma. Afinal, encontraram uns camponeses já velhos, que se lembravam de ter ouvido os pais contarem a história de uma jovem e bela castela, que assassinara o marido, mandando-o atirar ao mar. Tudo o que a do Hamburgo havia dito no estado de sonambulismo, foi reconhecido exato.

O príncipe Galintz, regressando de França e passando Hamburgo, interrogou o comissário de polícia a respeito à mulher: Este funcionário declarou-lhe que ela era inteiramente falta de instrução, falava um vulgar dialeto da Alemanha e vivia apenas de mesquinhos recursos como mulher de soldados ".

O problema do ser, do destino e da dor - Léon Denis.

Pierre Cornillier - autor de "La Survivance Humaine".

"A reencarnação visa todos os homens. A vida é a época das sementeiras; semeais agora tudo o que quereis ter o prazer de colher mais tarde, porque a justiça existe e tudo o que fazeis tem valor para o futuro".

Charles Lancelin - autor de diversos livros, "L'Occultisme e la Science":

"As crianças prodígios trazem em si o gérmen de uma faculdade, que foi excessivamente desenvolvida numa vida anterior, o qual, na vida

atual, se afirma rapidamente".

César de Vesme - produziu, entre outros, o notável trabalho "Histoire du Spiritualisme Experimentel". São suas estas afirmativas:

"Não somente esta teoria nada tem de anti-científica, como é conciliável com a grande doutrina do monismo, a ponto de se confundir com ela".

Lamartine - este notável romancista era reencarnacionista. Prova-o seu ótimo livro "Voyage en Orient", onde narra que; quando visitou a Judéia, teve reminiscência muito nítidas, reconhecendo imediatamente o vale de Terebinto, o campo de batalha de Saul, o túmulo dos Macabeus, e que tudo falava duma vida anterior.

Ponson du Terrail, outra cultura simplesmente brilhante, diz recordar-se de ter vivido nos reinados de Henrique IV.

Anatole France em "Taíde" manifesta-se claramente reencarnacionista. Os acontecimentos deste romance se passam em três existências bem distintas da linda Taíde, em que fora Eunóia e Helena, respectivamente, em sua última e penúltima encarnações.

Aimée Blech, a suavíssima e talentosa escritora gaulesa, produziu diversos trabalhos, entre os quais citamos duas jóias de inapreciável valor: "Aos que sofrem" e "Sombras e Luzes". Em ambos se manifesta com infinita doçura, alcandorada inteligência e admirável cultura generalizada; diz, entre outras coisas belas e convincentes:

"O princípio que dá a vida reside em nós, é imortal e eternamente benfazejo. A Alma do homem é imortal e seu futuro é algo, cuja grandeza e esplendor não tem limites; ele se projeta para o alto, subindo vagarosa, mas firmemente a grandiosa escadaria da reencarnação evolutiva.

Ele é o seu próprio dispensador de luz ou de trevas, ele decide da sua vida, da sua recompensa, do seu castigo".

Quantos e quantos mais poderíamos citar? por economia de espaço e

de tempo registramos aqui mais uns nomes de comprovada competência que defendera, sob vários aspectos; os princípios fundamentais da grande mensagem de imortalidade progressiva do espírito: Victoriano Sardou, Paul Gibier, Th. Flounoy, Louis Figuier, Richet (ler "A grande Esperança), Gustavo Geley, Grand e outros.

Por que não fazer uma menção especial a Pascal, o extraordinário Pascal, que na linguagem vulgar foi um gênio, cujo nome hoje e sempre é pronunciado com esclarecido respeito? Ouçamos tão somente um pequeno trecho de "Les lois de la Destinée":

"O estudo das vidas anteriores de certos homens, particularmente feridos revelou estranhos segredos. Aqui, uma traição que causa uma carnificina, é punida, passados séculos, com uma vida dolorosa desde a infância e com uma enfermidade, que traz a marca de sua origem: a mudez; os lábios que traíram, já não podem falar; - ali, um inquisidor torna á encarnação com um corpo de doente desde a meninice para um meio familiar eminentemente hostil e com intuições nítidas de crueldades passadas: os sofrimentos físicos e morais mais agudos o acoçam sem afrouxar".

Ora, seria muito importante que os homens de bom-senso meditassem um pouco no sentido fundamente expressivo destas linhas do genial pensador!.

-0-

O homem, de um modo geral, ainda sofre muito porque, negando ou desconhecendo as verdade da imortalidade, continua aprisionado em escolas convencionais e rotineiras, que pecam pelo seu caráter rigidamente obsoleto e incompatível com a ordem espiritual evolutiva. Ha por aí um agarramento excessivo ás "escolas clássicas" ou ao "princípio de autoridade" fundamentado em teorias puramente intelectuais, dogmáticas e teológicas. A Evolução Espiritual, é a grande

vaga rumorosa que está solapando e destruindo as muralhas chinesas desse classicismo fechado e desse religiosismo solene, como múmias faraônicas, encerradas em sarcófagos de chumbo!

A idéia reencarnacionista, para ser bem assimilada e ter valor libertário e construtivo, exige desenvolvimento da inteligência e do discernimento. Não podemos reproduzir o misticismo do faquir, que se insula, na torre de marfim do seu individualismo e, fugindo, á luta que se trava nas planícies, desinteressa-se do destino de seu povo ou da humanidade.

O fatalismo muçulmanico não tem pontos comuns com teoria dos renascimentos. O reencarnacionista, bem integrado na doutrina, não pode ser lagoa de águas estagnadas, á espera de que o ritmo universal empurre suas águas para a evolução; pelo contrário, precisa ser o rio de linfas translúcidas, sempre estuante e dinâmico.

A consciência da imortalidade e da reencarnação transforma o homem, quebrando-lhe as muletas de pedinte, fazendo-o caminhar com os próprios pés!

IX Meditação

Onde está Deus?

Contemplo-o nas augustas e imperturbáveis cordilheiras que entestam com as nuvens; nas ondas tumultuosas dos oceanos tonitroando queixumes, e nos lagos serenos espelhando monotonamente o azul dos céus...

- Encontro-o nos nimbus escuros rolando rumorosos pelos espaços; nos fumos esbranquiçados subindo em espirais na doce paz das aldeias, e na poesia melancólica dos crepúsculos multicores...

- Vejo-o na copa dos altos ciprestes chorando saudades às brisas que passam; nas rudes trepadeiras balouçando jovialmente nas torres denticuladas dos velhos castelos, e no arbusto raquítico ressequido pela canícula insaciável...

- Amo-o nos pássaros bulhentos procurando sementes nos campos arados; no rugir das vagas rebentando-se no dorso brunido dos rochedos, e nas popoulas alegres pondo risadas vermelhas nas terras do Egito...

- Sinto-o na tristeza da árvore morta fulminada pelo raio do último temporal; no argênteo reflexo da lua no cristal da laguna adormecida, e no cântico triunfal da aurora descerrando as cortinas do oriente...

- Descubro-o no riso da criança tagarelando o hino da despreocupação; no salmodear da flauta campestre tangida pela zagal, na tristeza do Ângelus, e na folha verde da roseira anunciando a primavera que chega.

- Respeito-o no viridente leque das palmeiras cobrando as ilhas distantes; no ziguezaguear da fugidia, brunida e venenosa, e no pío augusto da ave bruscamente despertada...

- Noto-o na sinuosidade do ébrio ainda escravizado a prepotência do vício; na fealdade do criminoso distanciado da sabedoria espiritual, e

na rameira descuidada derivando pelas regueiras da rua...

- Observo-o no bando gárrulo das aves guinchantes procurando os banhados; no disco afogueados do sol nascente sobre os rios sagrados dos velhos bramames, e nos pirilampos gentis pingando, com lanterninhas verdes, o escuro impenetrável das noites...

Percebe-o na loucura majestosa dos vulcões gorfando caudais incandescentes, sacudindo cabeleiras negras; nos solitários cometas, Asavérus embriagados de luz, soltos nas amplidões do infinito, e na distensão dos braços luminosos da Vida que irmana os infusórios das gotas d'água as estrelas da Via Láctea...

- Diviso-o nos enfermos que se estorcem em dores nos leitos de caridade dos hospitais; no acorrentado à grilheta no fundo lôbrego das masmorras, nas formas abatidas do condensado, e gemendo desesperadamente no peito da mãe ferida, tombada sobre o leito vazio...

- Vislumbro-o no lótus puríssimo roubando nutrição à lama pútrida; nas boninas ingênuas florescendo e lantejoulando nos monturos objetos, e nos nenúfares suaves abrindo festões verdes e sorrisos matizados nas águas estagnadas e podres...

- Admiro-o nas algas impassíveis reclinadas no limo verde-escuro das lagoas; nos chorões merencóreos debruçados sobre o marulhar dos rios, e nos cardos sedentos verdadeiras feridas rubras no branco tristonho das areias...

- Distingo-o nos perfumes das flores embalsamando as noites claras; nas harmonias dos mundos volatizadas nas azas dos ventos, e no cadáver frio da lua debruçada sobre os horizontes da Terra.

- Vive ele nos redoirados palácios e nas mansardas escuras; nos bairros imundos e nas vilas aristocráticas; na paz dos templos escuros,

no tumultuar das ruas e na trepidação das fábricas; no sábio que medita e no selvagem que assalta.

- Beija ele com igual carinho os olhos mortos do cego pedinte e a cabeça airosa da dama fidalga; igualmente oscula as chagas roxas do leproso e fronte orgulhosa dos príncipes poderosos; aviva tal qual os vermes que se refocilam nas estereiras e os potentados que se deliciam nos opíparos banquetes...

- Desperta ele trêfego no animal, quer se livre nos espaços na construção hercúlea da águia, quer anime o jaguar feroz, carniceiro, nos pestilentos pantanais africanos...

- Dorme ele longamente no mineral, quer se oculte nas rochas sombrias, quer rutila nos píncaros dos montes; quer se asile nas entranhas da terra...

- Onde está Deus?

- Está onde estiver a Vida imanente, imortal, indestrutível, eternamente renovadora.

- Que é Deus?

- Deus é a Vida inteligente e universal, que esta em tudo e em tudo se manifesta.

X

Regressão da memória

O conde Albert de Rochas e suas operações magnéticas

Continuemos a observar os grandes vultos da imortalidade na terra de Pasteur. Ocupemo-nos agora de Rochas, coronel de engenharia da Escola Politécnica de Paris. Suas investigações a respeito da preexistência têm: um cunho altamente científico. Curiosas experiências, a cujo respeito é lamentável que, no mundo oficial, não tenham despertado o interesse que merecem.

Por meio de operações magnéticas aplicadas aos sensitivos é possível trazer ao presente, regressivamente, épocas e fatos anteriores a sua vida atual. Tais experiências têm sido feitas com notável êxito por psiquistas e magnetizadores de muito boa reputação: Conde Rochas, Th. Flournoy, Fernandez Colavida, P. Janet, A. Bouvier, Galintz, Baraduc e outros. O trabalho de regressão da memória é atualmente uma das mais interessantes investigações científicas rigorosamente isento de qualquer laivo místico-religioso.

Ocupemo-nos do supra-referido engenheiro. Suas investigações a respeito da preexistência têm preocupado grandes mentalidades. As experiências, que nos vamos reportar, realizaram-se em Aix-em-Provence e foram amplamente divulgadas nos "Anais de Ciências Psíquicas" de julho de 1905. "Mutatis mutandis", podemos dizer que é um trabalho de desdobramento da personalidade, o que aliás, foi conseguido vastas vezes pelos experimentadores acima e especialmente pelo cel. Rochas:

Maria de Máio é uma jovem de 18 anos, boa saúde, que nunca ouvira falar em magnetismo ou metapsiquismo. É o sujet, possuindo grande sensibilidade. As experiências, a que vai submeter-se, tem por fim a renovação das recordações da vida atual. Imersa em hipnose, pela

vontade poderosa do hipnotizador, que transmite á paciente passes transversais, Maria de Máio retrocede gradativamente sua tenra infância, manifestando com admirável naturalidade as variações características dessa época, até atingir mui tenra idade. Prosseguem as sessões experimentais e o Dr. Rochas consegue que a hipnotizada, afastando-se retroativamente, se vá recordando e exteriorizando todas as fases por que passou; ao remontar o curso dos anos, chega muito longe, relatando suas três existências, anteriores, bem como os intervalos que as separam, entre um nascer e um morrer. E assim a jovem descreve sucessivamente as encarnações em que fora, retrogradativa e respectivamente, Lina, Carlos Mauville é Magdalena de San Marco. Descrevamos, resumidamente, os resultados dessas investigações, iniciando da 3.^a existência anterior para o presente, afim de que a descrição se torne mais compreensível, embora pratiquemos em sentido contrário ao método empregado pelo magnetizador:

Magdalena de San Marco: sessão de 31-12-1904: Diz ter este nome. Conhece e descreve mademoisele de La Vallière e madama de Montespan. Estabelecem-se diversos e interessantíssimos diálogos.

Sob influência magnética, a paciente narra vários pormenores da corte de Luiz 14, e da sua própria vida. Confessa-se egoísta e ciumenta. Tem ciúmes particularmente das mulheres bonitas. Deixa a corte aos 45 anos e é atacada de tuberculose. Aproxima-se o momento da morte: tosse convulsamente, sacudindo-se toda. Depois tudo escuro, e as coisas se vão clareando muito devagar. O magnetizador ativa os passes e a moça passa a ser:

Carlos Mauville - Sessão de 30-12-1904. É um rapaz empregado no comércio. (O médium toma as atitudes características de moço muito desembaraçado): Luta-se em Paris; muitos combates nas ruas; ele mesmo matou muita gente; tem prazer de ser mau. A guilhotina trabalha incessantemente. Narra outras particularidades... Tem agora

50 anos e está doente. A tísica o persegue, como loba esfaimada; descreve a moléstia que o vai destruindo e exterioriza os sintomas acusativos da tuberculose: opressão, falta de ar, acessos dolorosos de tosse... Sente que morreu, porque segue o próprio enterro, em que ouve dizerem a miúde: foi um estróina! passou dum pobre diabo! É muito infeliz muito em a nova existência hiper-física. O Dr. Rochas apressa os passes e a paciente entre na última encarnação, manifestando-se com o nome de:

Lince - Sessão de 29-12-1904. Vem à descrição minuciosa desta existência, cujos tópicos registramos: vê-se e se diz menina. (O médium torna-se graciosamente pueril). Passa a ser donzela e conta casar-se aos 18 anos. Vem a ser mãe e neste momento o cel. Rochas e outros investigadores assistem a cena de parto dum realismo surpreendente, com todas as características deste acontecimento. O magnetizador manda que a atravessasse essa fase com rapidez. Tem agora 22 anos. Perdeu o marido e morreu o filhinho. Desesperada, com tantas agruras, suicida, afogando-se. O médium revive os momentos finais: precipitam-se os movimentos respiratórios; o peito levanta-se com irregularidade; deglute aflitivamente, como se na realidade estivesse engolindo água. É tal sua angústia que Rochas apressa os passes, ordenando-lhe envelheça mais algumas horas. Lina declara que se debateu por muito tempo numa total escuridão. Passam-se outras cenas. Depois chega a ser, o que é no presente Maria de Máio e, progressivamente, atinge os 18 anos. O cel. Rochas então a desperta completamente.

Grande seria o número de fatos, ligados a esta natureza de investigações, que poderíamos evocar em defesa dos princípios reencarnacionistas. Não convém averbá-los, afim de que este desprezioso trabalho não se torne muito extenso. Convidamos,

todavia, nossos distintos leitores a apreciar os estudos feitos pelo: conde de Resie em sua muito interessante "História das Ciências Ocultas" e pelo Dr. Gastón, Durville em seu "Psychic Magazine", de janeiro de 1914, em que narra caso muito curioso de renovação das lembranças, em estado de vigília.

A verdade é que a psicanálise e a psiquiatria modernas muito têm que estudar e aprender neste vasto campo, onde se enraízam tantas e tantas moléstias nervosas e perturbações psíquicas. Hipnotismo de Rochas e metapsiquismo de Richet, Mesmer e Cagliostro, subconsciências e evolucionismo, matéria astral e ectoplasma, são setores enquadrados no Espiritismo contemporâneo. O preconceito limitativo e prejudicial da inexistência do mundo astral ou do quarto estado da matéria está sendo demolido, a golpes da Evolução, dealbando-se aos investigadores sinceros um novo mundo de surpreendentes e concretas realidades! E as respeitáveis contribuições de Richet, Rochas, Mesmer, Crookes, Blavatsky, Lancelin Delanne, Baraduc Leadbeater e outros notáveis ocultistas estão igualmente enquadradas no Espiritismo, porque este é também ciência evolutiva, ciência libertária, sem dogmas e sem os preconceitos acorrentados ao classicismo lantejoulados e vazios.

A reencarnação é a única lei que confere ao homem a responsabilidade do seu destino. Dá-lhe o archote que lhe ilumina o caminho, pelo qual deve trilhar, competindo-lhe escolher os melhores passos, melhor progredir. Somos como os prisioneiros que forjam as grades da própria prisão, ou como os artistas que talham, burilam, a própria estátua. É isto em virtude do livre arbítrio. Não fora o livre arbítrio, também não seríamos responsáveis pelo nosso destino. E o livre-arbítrio que vai determinando nossas situações presentes e

futuras. A compreensão e assimilação desta verdade instrui, corrige, enobrece ao homem. É a escola modelo realmente educacional do indivíduo.

Perguntamos aos anti-reencarnacionistas: como explicar as diferenças profundas entre os homens? em se não admitindo a reencarnação, que culpa tem o santo se o santificaram á sua revelia? em idênticas condições, qual é a fala do corrompido, do degenerado, se um deus parcialíssimo os criou assim? - a quem incriminar, se estes indivíduos são leprosos, arredados do convívio social, apodrecendo em vida, sofrendo mais moral que fisicamente? acaso não terão estes razões de sobra para se rebelarem contra tudo e contra todos? - qual é o mérito destas crianças que, mal afluindo á vida, recebem os mais delicados carinhos dos pais, num lar onde nada falta, nem os mais variados confortos materiais e espirituais? é qual o demérito destas outras, surgindo no mundo na rótula dum asilo, nas sarjetas das ruas; com o ferrete do abandono, da dor, do vício de origem, estampado no rosto? - que dizer deste contraste tão comum: duas moças - uma, paupérrima, feia, labutando de Alva a Vésper, consumindo os restos de saúde nos acessos dolorosos das hemoptises e terminando seus dias no hospital de caridade; - outra, verdadeiro poema de graça, de beleza, de inteligência, com todo o conforto dá família e da sociedade?! - Por que teria esse Deus feito duas almas, aos mesmo tempo, dando-lhes destinos tão opostos: uma se tornou criminoso vulgar e terminou seus dias no fundo gélido duma masmorra, e outra se fez filósofo notável, cujo nome, aureolado de glória, nimbado de luz, passou para a História? - E acrescente-se isto: tais fatos se vêm registrando desde os primórdios das mais remotas civilizações e são abundantes nos dias que correm.

Conta-se que quando missionários religiosos se entregavam ao trabalho de converter japoneses ao cristianismo, para lhes evitar a "perdição da alma" muitos desses orientais lhes perguntavam: como creremos nós no que dizeis dos atributos da divindade? de duas, uma: ou bem esse deus não quis impedir o mal, ou não o pode. Se não o quis, é porque não é soberanamente bom; se não o pode, é porque não é todo-poderoso! este raciocínio tão simples é irrefutável, mesmo que venham contra ele todas as subtilezas teológicas.

XI

Imortalidade progressiva

Um corpo, em seu caixão, é uma casa vazia, em começo de ruínas; o morador fez viagem para não mais tornar a ele. É e tão sem valor esse corpo sem vida espiritual, que a própria família quer ver-se livre daquele invólucro, passado tempo regulamentar, antes que se iniciem as naturais exalações da decomposição.

Por que se diz: "o corpo de fulano", depois que, o individuo passa pelo fenômeno da morte? é porque intuitivamente todos reconhecem que alguma coisa superior, algo nobre, espírito, pensamento ou inteligência, deixou o corpo, separando-se deste.

Reparar-se-ia, e bastante, no individuo que dissesse: "o Sr. X. será enterrado amanhã", ou: "a Senhora Y chegou em seu caixão funerário". Mas todos, a "una você" dizem: "o corpo do Senhor X, o corpo da Senhora Y". - Por que? porque, na realidade, ali está apenas a lâmpada queimada, porém a luz, isto é, a individualidade, o espírito imortal, deixou a transitória moradia.

Não são os corpos que seguem caminho do cemitério, ou os que se encerraram nos túmulos, que precisam da nossa reverência, do nosso respeito. Necessitam efetivamente da nossa atenção os corpos habitados, os vivos, segundo a expressão cotidiana. Na realização sincera do sentimento de solidariedade humana; na difusão do respeito mútuo; na prática da cooperação individual e coletiva; na disseminação da instrução e da higiene; na tolerância discernida e inteligente; na ausência permanente do ódio, de irascibilidade, de maledicência; na afirmação da nossa libertação espiritual, é que nos afirmamos como seres verdadeiramente equilibrados e subidos na escadaria da evolução Nominal!

É muita pretensão da nossa parte cuidarmos de que os desencarnados precisam do nosso auxílio, quando, nos planos da quarta dimensão, onde se encontram, tem eles seus íntimos, seus amigos mais esclarecidos, seus companheiros de ideal.

Penso que o essencial é acudir a nós mesmos. Precisamos de reeducar-nos. Se nosso coração odeia, não pode ofertar amor; se somos coléricos, vingativos, hipócritas e medrosos, não podemos absolutamente irradiar e ensinar serenidade, lealdade, renúncia e coragem. Se somos intolerantes, fanáticos pessimistas, seria ridículo falarmos em liberdade de consciência, em livre análise, em otimismo. Não será jamais superioridade quereremos impor nossas idéias, sem termos a coragem moral necessária para ouvirmos, respeitando, as idéias daqueles que não rezam pela nossa cartilha.

Jamais endireitaremos o mundo sem primeiramente nos educarmos superiormente. Em todos os países, regimes, climas e latitudes, os homens são, mais ou menos, os mesmos: lutam, trucidam-se riem, choram, sofrem: Calculam sempre que sua felicidade está noutra ambiência, noutro mundo, noutra situação exterior! E do desconhecimento de nós próprios, da incompreensão da Vida universal, da sobrecarga de medos criados pelas religiões, da nossa irritabilidade constante, de tudo isso irrompe continuamente de nós mesmos o mau humor, a falta de paz interna e externa, a deficiência de saúde e alegria, e o ambiente vencido que nos circunda.

Não queiramos ser donos exclusivos da verdade. Não tenhamos a tola pretensão de que podemos encarnar toda a grandeza e o fulgor numa doutrina, máxime a espírita. Não pretendamos alvarmente amarrar ou petrificar idéias, ideais e convicções, visto que o espírito humano tem por tendência natural a libertação completa de todos os

pavores e imposições, quebrando, em sua evolução, todas as grades, cadeias e dogmas!

Enquanto os homens se mutilam ferozmente no campo das guerras, ou enquanto as leis ainda permitem a exploração vergonhosa no campo da economia, mantendo coortes de escravos, de párias, de explorados mentais e físicos, a natureza segue seu caminho; sábia e superiormente. E o sol ilumina gregos e troianos, montões de cadáveres ou jardins floridos; e as chuvas são para cristãos e brâmanes, para árticos e antárticos; e as estrelas luzem para os selvagens e sábios para os materialistas e deístas; e as auras sopram indiferentes por sobre as cabeças dos reis ou por sobre as chagas dos mendigos; as linfas correm murmurosas tanto para as fauces sedentas das feras como para as gargantas de cristal das aves canoras; e as florestas abrigam, com total despreocupação, insetos zumbidores, serpes venélicas, selvagens, antropófagos, harmonias silvestres ou dramas ruidosos...

E' acima de tudo, a força portentosa da Evolução empurrando sempre e sempre o carro da Vida universal, para as alturas luminosas da sabedoria, do conhecimento, da alegria, da felicidade, desse viajor do infinito, que o Espírito imortal!

XII

A reencarnação no Cristianismo

Rabi da galiléia nem tudo podia ensinar ao povo de seu tempo. Este não estava à altura necessária para compreender todos os ensinamentos. O pequeno desenvolvimento cultural e espiritual da época não comportava ensinamentos profundos, transcendentais. Tal se dá numa escola: um professor sensato não poderá ministrar aos alunos do primeiro ano as mesmas lições que dispensa aos do quinto. Daí o haver a Mestre prometido enviar o paráclito, o espírito da Verdade, que faria novas revelações. (Jesus promete outro Paráclito: João 14, XXV). - E aí está o Espiritismo, com suas encantadoras mensagens: reencarnação, imortalidade progressiva do espírito, inexistência da morte, evolução como lei universal, comunicação entre os dois mundos, curas mediúnicas...

Embora fosse rudimentar a evolução daquela gente, não deixou o filho de Maria de por diversas vezes transparecer reflexos das verdades palingenésicas. Observamos dois fatos apenas:

Entre os fariseus havia um importante judeu, Nicodemos, que foi á procura do Mestre. Este, respondendo a uma pergunta sua, disse-lhe: "Em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus". Responde Nicodemos; admirado: "Como pode um homem nascer, sendo velho?" pode, porventura, entrar novamente no ventre de sua mãe e nascer?"- Jesus explica: "Não maravilhes de eu te dizer: é necessário nascer de novo. Tu és mestre em Israel, e não entendes estas coisas?" (João, 3-III).

Na Palestina, nas faldas do monte Hérmon, ao norte do mar da Galiléia, ainda existem espalhadas as ruínas duma antiga cidade, que se denominara Cesaréa Filipi. Um dia ao entrar num de seus arrabaldes,

segundo nós conta o Novo Testamento, o Nazareno fez a seus discípulos uma pergunta tão expressiva, quão profunda: "Que dizem as multidões a respeito de quem sou?" Seus discípulos, parecem, compreenderem o significado da interrogação e um respondeu que "conforme alguns, Jesus era João, o Batista, que havia voltado", pois, João havia sido decapitado algum tempo antes; outro dissera julgavam uma reencarnação de Elias ou de Jeremias", ambos mortos ha poucos séculos. Em resumo: espalhava-se que "na pessoa de Jesus se havia levantado fim dos antigos profetas". A verdade é que o Mestre não negou de nenhum modo a verdade da reencarnação e até afirma-naquela expressão tão conhecida e tão pouca entendida: Porém, eu vos digo que Elias já veio e que eles não o reconheceram, mas fizeram com ele tudo o que quiseram". Então os discípulos compreenderam que o meigo Nazareno lhes falava de João, o Batista.

"O homem atual recorda instintivamente os seus labores e as suas observações do passado. A sua existência de hoje é a continuação de quanto efetuou nos dias do pretérito. As conquistas de agora representam a soma de seus esforços e a civilização é a grande oficina, onde cada um deixa estereotipada a sua própria obra.

"De milênios remotos, viemos todos nós, em pesados avatares. Da noite, ainda insondável, para nós, dos grandes princípios, emergimos para o concerto da vida. A origem constitui para o nosso relativo entendimento um profundo mistério, cuja solução ainda não nós foi possível atingir, mas sabemos que todos os seres inferiores e superiores participam do patrimônio da luz universal.

Em que esfera estivemos um dia, esperando desabrochamento da nossa racionalidade? Desconheceis ainda os processos, os modismos dessas transições, etapas percorridas pelas espécies, evoluindo sempre, buscando a perfeição suprema e absoluta, mas sabeis que um laço de amor nos reúne a todos, diante da entidade suprema do universo.

É certo que o espírito jamais retrograda, construindo uma infantilidade as teorias da metempsicose dos egípcios da antiguidade. Mas, se é impossível o regresso da alma humana ao círculo da irracionalidade, recebi como obrigação sagrada o dever de amparar os animais na escala progressiva de suas posições variadas no planeta. Estendi até eles a vossa concepção de solidariedade e o vosso coração compreenderá mais profundamente os grandes segredos da evolução, entendendo os maravilhosos e doces mistérios da vida".

O trecho acima pertence a uma das mais luminosas mensagens que Emanuel nos vem enviando pela mediunidade psicográfica de Francisco Cândido Xavier. Este jovem, modesto e distinto, está com sua faculdade mecânica prestando incalculável benefício á causa Espírita e profícua colaboração a alevantamento do nível mental e intelectual do nosso povo. Está o nosso caríssimo Xavier desempenhando árdua, todavia, nobilíssima missão no Brasil. Com seus esplendidos trabalhos mediúnicos, - esse missionário vem plantando soberbos carvalhos e jequitibás que se perpetuarão através dos séculos, nas ferozes terras desta Nova Canaã.

Ouçamos a respeito um trecho apenas duma formosa mensagem de Humberto de Campos difundida por meio da incomparável faculdade de F. C. Xavier e tiremos daí nossas conclusões:

- Judas?

Sim. Os Espíritos apreciam, ás vezes, não obstante o progresso que já alcançaram, volver traz, visitando os sítios onde se engrandeceram ou prevaricaram, sentindo-se momentaneamente transportados aos tempos idos. Então mergulham o pensamento no passado, regressando ao presente, dispostos ao heroísmo necessário ao futuro.

- E chegou a salvar-se pelo arrependimento?

- Não. Não consegui. O remorso e uma força preliminar para os trabalhos reparadores. Depois da minha morte trágica, submergi-me

em séculos de sofrimento expiatório da minha falta. Sofri horrores nas perseguições infligidas em Roma aos adeptos da doutrina de Jesus e as minhas provas culminaram em uma fogueira inquisitorial, onde, imitando o mestre, fui traído, vendido, usurpado. Vítima da felonía e da traição, deixei na Terra os derradeiros resquícios do meu crime, na Europa do século XV. Desde esse dia, em que me entreguei pelo amor do Cristo a todos os tormentos e infâmias que me aviltavam, com resignação e piedade pelos meus verdugos, fechei o ciclo das minhas dolorosas reencarnações na Terra, sentido na frente o ósculo de perdão da minha própria consciência...".

E muitas são as mensagens em que Humberto de Campos focaliza com maestria e beleza os princípios da Vida Imortal, ensinados pelo Espiritismo. Há nessas lições desse espírito, cultura verdadeiramente oceânica, que se espraia por todas as regiões da intelectualidade moderna.

Se não fossemos reencarnacionistas, que desapontamento para nós viveram as árvores e os jardins, que plantamos, os templos e as cidades, que construiríamos, muito mais tempo do que nós! a criatura seria bem maior e duradoura do que o criador! seria a derrota da inteligência, a morte do espírito, a vitória do objetivismo, do puro materialismo!

Quão incompleta e obscura seria a vida do selvagem, em quem não desabrocharam os sentimentos humanitários e muito menos as vocações artísticas ou as mais rudimentares indagações filosóficas!

Como justificar a brevíssima vida da criança, que vive apenas momentos ou poucos meses? Para onde se destinariam as populações indígenas de todas as partes do mundo, que se sucederam, gerações sobre gerações, desde os primeiros trogloditas, ou melhor, desde os primeiros albos da idade quaternária? - que destino teriam, ainda em nossos tempos, os silvícolas que nunca ouviram música melhor que as

produzidas por maracás, erúbias e torés, ou pelos estertores das vítimas, silvícolas cuja educação apenas se orientou pelos gritos de guerra, pelo silvar das flechas ou pelo uivar sinistro das hordas exterminadoras?

Para o anti-reencarnacionista o destino é brutal como um riso gelado de caveira, visto que a legenda de Dante repousa igualmente nos portais do céu: "Lasciate ogni speranza, vói ch'entrate!". Tivéssemos uma só existência, e a comédia das vidas sucessivas cederia à tragédia da morte, e choraríamos debruçados ao muro das lamentações, como os judeus de Jerusalém ou como o velho Bossuet em seus sermões:

"Sempre viventes e sempre moribundos, imortais pelas suas penas, muito fortes, para morrer, muito fracos para suportar, eles (os homens) gemerão eternamente sobre leitos de chamas, atormentados por furiosas e irremediáveis dores!".

Uma única existência faz da Terra um vale tristonho, um cemitério de esperanças, uma esfinge permanente; o túmulo permanece frio e escuro, sob a lousa ao pessimismo, em que os lapidários das religiões dogmáticas inscreveram os "requiescat in pace" e os "de profundis". A cova é, para os partidários da unicidade da existência, o ponto final pingado com a tinta da lágrima, no amarelo papel, da desesperança.

A reencarnação significa que o homem é um espiritual, revestido de corpo plasmado em matéria; é a inteligência espiritual e imortal, sendo a carne seu estojo-adorno, o vaso indispensável para a evolução progressiva. Cada um é centelha que envolve através da multiplicidade das existências. "Mutatis mutandis" poderíamos dizer: a função do coração dentro do corpo é, em miniatura, semelhante ao ritmo do Espírito dentro da Imortalidade: - O coração realiza sístoles e diástoles, através aurículas e ventrículos, para o equilíbrio è conservação da vida fisiológica, e o Espírito, através dos berços e dos túmulos, projeta suas encarnações e desencarnações, na realização de sua Evolução Imortal.

XIII

Crianças prodígios, gênios e hereditariedade

Psicólogos e psicanalistas por mais que investiguem e tentem explicar a existência das crianças prodígios e dos gênios, apresentam apenas hipóteses, falando em causas despercebidas, influências obscuras, recalcamientos e complexos confusos. Os teólogos, laborando na incapacidade duma explicação racional e muito menos experimental, atribuem tudo ás misteriosas vontades dum deus todo feito ás conveniências dos nababos, dos príncipes, dos purpurados.

Crianças prodígios e gênios são, para, nós reencarnacionistas, espíritos que passaram par muitas vidas e acumularam os resultados de suas vividas existências, até chegarem ao esplendor que comumente se denomina de genialidade. Conquistaram tais espíritos esse título (que não é dádiva, nem presente que lhes concederam graciosamente em detrimento de terceiros) pelo mérito a que fizeram jus com seus sacrifícios, tenacidade, num desdobramento de esforços próprios. O nimbo de santidade, a auréola de sabedoria, a glória na arte, o renome na ciência, são os salários exatos que as almas ganham após existências de muita luta e duros trabalhos. Constituem a retribuição justa, absoluta. Nada de proteccionismo, nada de pedidos políticos.

O gênio não se transmite de pai para filho. Se se transmitisse, teríamos inúmeros continuadores das glórias imortais, que pontilham de luza história da civilização. Os próprios gênios, se tivessem certeza de que suas exuberantes possibilidades se perpetuariam em seus descendentes, não deixariam, muito naturalmente, de legar a humanidade continuadores de suas esplêndidas reservas mentais artísticas, espirituais, filosóficas, científicas.

A simples análise nos mostra que os gênios tiveram; ascendentes e descendentes de inteligência medíocre: Sócrates, Platão, Bacon, Copérnico, Galvani, Kepler, Hume, Kant, Lock, Malebranche, Spinoza,

Laplace, Rui, Mozart, Dante, em suma, celebridades de todos os tempos e de todas as regiões nós contam, á saciedade, que tiveram modestas senão obscura origem. E não produziram um Sócrates 2.º um Copérnico 2.º, um Cristo 2.º, um Trimegisto 2.º!

Contrariando ainda a hereditariedade, intelectual ou espiritual, observamos apreciáveis florescências, do pensamento, culminâncias de ponderação, bom senso e sabedoria geraram parvos ou tarados, como Péricles a Paralas, Marco Aurélio a Cômodo, Germânico a Calígula e inúmeros outros.

A palingenesia espiritual não foge á ciência, não evita debate, não se amarra a dogmas e repele o lamentável "credo quia absurdum". No Espiritismo, ou neo-espiritualismo, em que ninguém poderá dizer a última palavra, (porque é ele essencialmente evolutivo) está plenamente capacitado para explicar "o estranho fenômeno das crianças prodígios".

Citemos, a título de curiosidade, alguns casos desses "vinhos velhos em barris novos".

Young, o descobridor da teoria ondulatória da luz, lia aos dois anos; aos quatro já havia lido duas vezes a Bíblia e, pouco mais tarde, dominava a matemática.

William Hamilton conhecia treze línguas em sua infância e aos dezoito anos foi proclamado o melhor matemático de sua época.

Mozart tocava violino aos três anos e aos doze compôs sua primeira obra.

Lope de Vega escrevia versos aos cinco anos.

E assim longe iríamos se quiséssemos enumerar toda a série de crianças prodígios. Para reforçar nossa argumentação, mencionemos mais algumas:

Henrique Mondeux, sem haver aprendido aritmética resolvia aos oito anos os mais difíceis problemas.

Giotto era um jovem pastor a quem Ciambue encontrou desenhando com tal perfeição, que o levou consigo e fez dele um dos maiores artistas da Itália:

Miguel Ângelo aos doze anos já era um magistral artista.

Balzac, aos oito, já compunha pequenas comédias e, aos 14 exclamava aos seus irmãos: "Vocês hão de ver como hei de ser um grande homem"!

Napoleão aprendeu a ler antes dos 5; aos 7 já organizava grupos de pequenos, com os quais simulava batalhas;

Wagner, aos 6, já havia lido a história de Mozart;

Carlyle aprendeu a ler aos 4;

Alexandre Dumas, aos 4, lia a História Natural de Buffon.

Walter Scott aprendeu a ler entre 3 e 4 anos. Antes dos 12 fazia versos com grande facilidade;

Voltaire, educado por um padre, aprendeu a ler aos 3. Antes dos 12 versejava com admirável fluência;

Goethe, aos 7, compunha versos em latim e, antes dos 9, fazia um poema, parte em latim, parte em grego e parte em alemão;

Pepito de Ariola, apresentado ao Congresso de Psicologia de Paris em 1900, com 3 e meio ano apenas, sem conhecer uma nota de música sequer, tocava e improvisava ao piano árias de uma harmonia profunda e de um colorido que impressionava;

Hermógenes, aos 15 ensinava retórica a Marco Aurélio;

Victor Hugo, aos 13, ganhava um prêmio nos jogos florais de Toulouse;

Stuart Mill, aos 8 já conhecia o grego perfeitamente e aos 10 aprendeu o latim;

Quem não conhece a história do "menino maravilhoso" da Dinamarca?

Que dirão de todos estes fatos os homens que raciocinam e que já se

libertaram das imposições teológicas?

XIV

A Pátria da Espiritualidade

Há no Brasil um ressurgimento espiritual. Enquanto as outras nações, as supercivilizadas, suicidam com as moderníssimas armas de guerra, com mais ímpeto e ferocidade do que o fizeram no transcorrer meia-idade, o Brasil trabalha silenciosa e tenazmente na formação duma nova raça, sendo bem positivos, nas características brasileiras, os traços superiores duma nova e verdadeiramente espiritualizada Civilização.

Nesta enorme oficina, onde forças imponderáveis e irremovíveis, lançam os grandes alicerces da Nova Canaã, não ha ódios de casta, nem as pavorosas lutas religiosas, que mancharam tão negramente o solo da velha e esboroante Europa; não ha também a tolice lantejoulada da hierarquia do sangue-azul, nem dos "puro-sangue"; está felicissimamente liberto dessas cortes douradas e de reis, príncipes, duques, condes e princesas.

Homens de todos os pontos do globo vêm á procura desta Terra Prometida e aqui encontram paz, trabalho e á certeza de melhores dias. O berço de Pedro II não tem crimes de origem, não está amarrado ás garras do passado, dum pretérito envenenado pelas rivalidades sangrentas que, verbi gratia, eliminaram ainda destroem povos inteiros em toda a extensão do Velho Mundo e, parcialmente, na Ásia e na África.

Multiplicam-se aqui as organizações espíritas, sedes dos novos ensinamentos. Avolumam-se as fileiras dos reencarnacionistas conscientes, donde brotam as claridades do Infinito. Grande parte do povo já aceita o princípio da indeclinável responsabilidade pessoal e da inexistência da morte. Nossas leis, se não são perfeitas, todavia, não se barbarizam em suas aplicações, pois, não condenam á morte: não ha a forca, o fuzilamento, o machado; a cadeira elétrica estes atos

rebarbativos e de remarcada violência não mancham as páginas luminosas de nossa civilização. Dispositivos de certas leis draconianas de alguns códigos estrangeiros são incompatíveis com a índole e com a formação moral do Brasileiro.

Os espíritas atribuem, acertadamente, a feliz formação moral e espiritual da nossa gente ao fato de se reencarnarem aqui, nesta região do globo, os espíritos mais elevados, de maior evolução.

O escopo fundamental do Espiritismo não é fazer sessões práticas: sua finalidade precípua não é a fenomenologia. Desses fenômenos todos, da incorporação á levitação, da materialização á psicografia, da aparição de fantasmas á música transcendental, da psicometria ás moldagens, em suma de todos os fenômenos psíquicos, está repleta a história da humanidade, a bíblia, o Novo Testamento? E os arquivos metapsíquicos. Tais acontecimentos instituem molduras do quadro invariável e básico da Doutrina: educação do caráter, consciência perfeita da responsabilidade individual, imortalidade e evolução do Espírito, através da lei da reencarnação, fonte esclarecedora de todas as ações e reações, causas e efeitos do indivíduo ou da coletividade. Este conjunto espiritual, filosófico, científico e racional, é a demonstração inequívoca da evolução e libertação do espírito, tendendo á realização da Sociedade humana. O Espiritismo, pois, deve e pode auxiliar na confecção de leis sociais, objetivando a felicidade de todos, evitando as explorações econômicas e religiosas.

Longe iríamos, se quiséssemos citar cidadãos indiscutível valor intelectual que, em nossa terra tem abraçado a doutrina espírita, dando ao grande público a segurança da suas convicções. Além dos praticantes e militantes do Espiritismo, cujo número ultrapassa a alguns milhões, entre nós, registramos mais estes nomes dignos de toda a consideração: Múcio Teixeira, Olavo Bilac, Coelho Neto, Viriato Corrêa.

Múcio Teixeira: o extraordinário Barão de Ergonte. Foi prosador insigne, jornalista fecundo, notável orador, ilustre dramaturgo, distinto historiador e um dos mais aplaudidos comediógrafos. Não arrisque um pensamento sequer relativo à Múcio Teixeira, sem ler primeiramente "Terra Incógnita". Neste majestoso livro, o Barão de Ergonte vai além, em segurança e profundidade, da expressiva frase do sábio da península escandinava: "O mineral existe, a planta existe e vive, o animal existe, vive e sente, o homem existe, vive, sente e pensa". (5).

(5) Linneu, naturalista sueco, nascido em 1807

No livro acima citado tudo fala da imortalidade evolutiva do Espírito. Veja-se, verbi gratia, esta admirável poesia:

Evolução

Morri no animal, para nascer na planta,
 Fui pedra e fui semente:
 Brilhei no diamante e no cristal luzente,
 E fez em mim seu ninho o pássaro que canta.
 Na planta adormeci e despertei um dia
 No animal, que move os músculos e anda;
 Percorri apressado uma senda sombria,
 Vendo indistintamente uma luz noutra banda.

Do animal passei para as formas do homem,
 E sendo homem estou muito perto do Anjo.
 Só assim chegarei aos círculos que abranjo
 Com a Razão, que ainda as dúvidas consome.

Poderei amanhã flutuar, batendo as asas,
 Pela vasta amplidão constelada de céus:
 Faísca, que desceu ás cinza e ás brasas,
 Ascenderei mais tarde á eterna luz, que é Deus!

Olavo Bilac, a expressão mais vigorosa da poesia nacional, não deixou de ser também um notável tribuno e um vibrante jornalista. Cintilante espírito, assimilou a idéia da pluralidade das vidas, segundo deduzimos destas suas manifestações:

"Esta vida de hoje não é toda a vida; é uma das muitas vidas que formam as estações de paradas da grande vida infundável. Nem sempre a águia ha de ser águia boiando na luz solar, nem sempre o porco ha de ser porco, mergulhando no lodo. O que hoje vos parece desgraça é apenas o resultado do vosso erro e do vosso desatino". (6)

(6) Ironia e Piedade, cap. Ressurreição.

E de Bilac este esplendido soneto reencarnacionista:

Avatara

Numa vida anterior fui um cheique macilento
E pobre... Eu galopava, o Albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói, de vida obscura,
Possuis tudo: o espaço, um cavalo e a bravura.

Entre o deserto hostil e o ingrato firmamento,
Sem abrigo, sem paz, no coração violento,
Eu namorava; em minha altiva desventura,
As areias na terra e as estrelas na altura.

Às vezes, triste e só, cheio do meu desgosto,
Eu castigava a mão contra o meu próprio rosto,
E contra a minha sombra, erguia a lança em riste...

Mas o simúm do orgulho enfunava meu peito
E eu galopava livre e voava satisfeito
Da força de ser só, da glória de ser triste!

Viriato Corrêa e Coelho Neto, como é público e notório, em

conferências e palestras esposaram a doutrina Espírita. Monteiro Lobato revela-se espírita em seu admirável livro "Na antevéspera": Outros ilustres intelectuais (que não são abertamente espíritas militantes e praticantes, que se contam; as dezenas) já estão ensaiando os primeiros passos para saírem a público... Porém, ainda estão amarrados por alguns tentáculos da pieuvre: Preconceito Social, muito mais poderosa do que cem polvos de Gi1liatt, com suas tremendas ventosas...

A lei de reencarnação afirma que cada alma inicia a série de suas vidas nos reinos inferiores da natureza (involução e depois evolução), desprovida de discernimento ou consciência, partindo daí para o futuro espiritual, numa ascensão lenta, firme, segura. O Espírito constitui então o divino viajor que, mercê das experiências que vai colhendo no rio da vida, vai lentamente desabrochando em si mesmo todas as possibilidades e potencialidades embrionárias, latentes, que dormitam em seu próprio "eu". Faz-nos lembrar até, em minúsculas proporções, a bolota do carvalho, que limita em si mesma, em sua reduzida forma, a árvore majestosa, pompeante, encantadora.

Some-se a isso o autodomínio de nós mesmos, visto que a tendência evolucionária é tornar-nos libertos e senhores consciente de nosso próprio destino; novas belezas brotam no espírito, alargando os horizontes da Vida.

Assim como o homem transmuta a areia em vidro, o oxigênio e o hidrogênio em água, e a Natureza o carbono em diamante, a semente em planta, e, a flor em fruto, também a reencarnação transforma o selvagem em santo, o degenerado em virtuoso, o ignorante em sábio, a perfeição inconsciente, em perfeição consciente! E só assim o ser humano poderá dizer: Eu sou a Imortalidade! E a Imortalidade é que não pode morrer, mesmo que o queira!

XV

Pérolas Esparsas

M. Roso de Luna, em seu esplendido livro "A pré-história dos meus víveres", canta a imortalidade progressiva do cidadão do infinito. Colhamos a esmo uma das suas encantadoras expressões:

"E tornarei sem recordação. É claro! A individualidade permanente que reencarna e a personalidade transitória de cada, vida, são diferentes".

Alberto Seabra, ilustre jornalista, ótimo escritor, notável médico homeopata, deu a publicidade diversos livros esplêndidos. Citamos apenas um trecho do seu brilhante "O problema do além e do destino"

"Todos nós somos, mais ou menos, réprobos e sofremos as conseqüências das nossas ações. Que seria de nós se, novamente reencarnados, tivéssemos nítida consciência da encarnação anterior? Se, renascendo na posterior, para ela trouxéssemos as nossas prevenções e preconceitos? Se de novo nós reconhecêssemos mutuamente, pondo outra vez em ação os nossos antigos ódios? - Seria fechar as portas ao aperfeiçoamento dos seres, seria impedir as reparações necessárias.

"Sé o esforço da evolução, o drama da vida, já esboçados nas primeiras palpitações da matéria, não visa à formação do ser moral, não colima o progredir incessante da monada permanente, que substitui e sobrevive a todas as mutações da forma em que se vai encarnando na escala dos seres vivos, então a Natureza é falsa, porque ela ensinou o sacrifício desde a semente que morre para a árvore, o da flor que morre para o fruto, até a concepção das mães, até as imolações heróicas dos mártires da vida física e dos apóstolos da fé religiosa".

Benjamin Franklin, um dos maiores sábios, que pontilhavam de luz a estada pedregosa da civilização esculpiu sua convicção reencarnacionista com as frases para o seu próprio epitáfio:

"Como a capa de um livro velho a que se tivessem arrancado as folhas, e cujos dourados e título houvesse o tempo apagado aqui jaz, servindo de pasto aos vermes, o corpo do impressor Benjamin Franklin. Nem por isso essa obra se perderá, porque, como pensou o autor, ela será novamente impressa em edição mais elegante, e por ele revista e corrigida... (7)

*(7) The body
of
Benjamim Franklin
Printer,
Like the cover of an old book,
Its contents worn out,
And stripped of its leterrings and gilding
Lies here, food for worms.
But the work shall not be lost,
For it will, as he believe, appear once more
In a new and more elegant adition
Revised and corrected by
The author.*

A igreja primitiva não repele o ensino reencarnacionista. Os primeiros padres, e entre eles S. Clemente de Alexandria, S. Jerônimo e Rufino, atestam que ele era ensinado como verdade tradicional a um certo número de iniciados. Origines, considerada por S. Jerônimo como a maior autoridade de Igreja, diz, em "De Principii":

"As causas das variedades de condições humanas são devidas às existências anteriores".

E. S. Gregório, de Nissa, é também da mesma idéia:

"... ha necessidade de natureza para a alma imortal de ser curada e purificada; se ela não foi em sua vida terrestre, a cura opera-se pelas vidas futuras e subseqüentes.

Não é só: um bispo francês, Monsenhor de Montal, falou publicamente da realidade das vidas sucessivas em uma pastoral publicada em 1842. E Giuseppe Mazzini, criticando com rigor os bispos de Roma, em sua admirável "Dal Concilio a Dio" assegura:

"Cremos numa série indefinida de reencarnações da alma, de vida em vida, de mundo em mundo; cada uma das quais constitui um progresso em relação á vida precedente. Podemos recomeçar o estádio percorrido, quando não merecemos passar a um grau superior; mas não podemos retrogradar, nem perecer espiritualmente".

Os Drusos, - povo forte, valente e de uma religião complicada, que vive lá pelos lados das montanhas do Líbano - crêm na reencarnação, todavia, eles os seus mortos só se reencarnam na China, pelo cujo país tem viva simpatia.

Annie Besant, (notável escritora, produziu diversos livros, entre os quais "A Sabedoria Antiga". Conferencista internacional e muito querida nos meios liberais e reencarnacionistas):

"Com a reencarnação o homem é um "ser nobre, imortal, evoluindo para um fim divinamente glorioso. Sem ela é apenas um pedaço de palha, arrastado pela corrente das circunstâncias do acaso, irresponsável pelo seu caráter, por suas ações, por seu destino. Com ela podem encarar o futuro, cheio de promissores esperanças, por mais humilde que seja hoje o seu lugar na evolução; porque esta é a escada que conduz á divindade, e a conquista do vértice apenas uma questão de tempo. Excluindo a reencarnação do número de suas crenças, o mundo moderno arrebatou a Deus a sua justiça e ao homem a sua esperança".

Helena Petrowna Blavatski, - extraordinária clarividente, clariaudiente e psicografa; princesa russa, viajou quase por todo o mundo; produzia prodigiosos fenômenos de efeitos físicos com sua esplendida mediunidade; publicou diversos livros. (entre os quais a

monumental obra psicografada) "Química Oculta" e fundou, em novembro de 1875 em Nova Iorque, a Sociedade Teosófica; esta excelsa senhora rompeu com todas as pragmáticas sociais e com todos os preconceitos; foi uma ardorosa batalhadora dos princípios de fraternidade universal, inexistência da morte, e de imortalidade progressiva do espírito. - É seu este ensino:

"A doutrina da Reencarnação, ou pluralidade de existências, segundo a qual o homem é uma alma imortal, temporariamente unida a um corpo transitório; aquilo que chamamos vida, a nossa rápida paragem sobre a terra, nada mais é do que um dia da vida da alma, - a verdadeira vida, - A Reencarnação é a doutrina que reconhece ao homem a possibilidade de ser senhor único do seu destino e ele próprio o fruto de um passado individual, de que é exclusivo autor, e possuindo a faculdade de determinar o seu futuro pelo estudo e aplicação das leis da evolução.

Compreender-se-á também que as almas pouco evoluídas são almas elementares, não devem, portanto, ser consideradas, nem perversas, nem retardatárias, porém, sim mais jovens".

Augusto de Lima poeta mineiro, desincorporado em 1934, legou-nos, entre outros, o sugestivo soneto "Nostalgia Panteísta". Revela-se o nobre artista reencarnacionista consciente e puramente panteísta. Para ele, como para inúmeros espiritualistas "Deus esta em tudo", tudo o que existe são modalidades de Deus. Está plenamente de acordo com Flammarion, - Deus ou a Vida universal e inteligente manifesta-se em tudo e em todos; a natureza toda é o corpo de Deus. - Deus é, pois, simultaneamente o criador, o conservador e o destruidor das formas. E' falso, conseqüentemente, o religiosismo medroso que manda o indivíduo "pedir a Deus", fazendo da divindade uma eterna muleta.

Eis o lindo soneto:

Nostalgia Panteísta

Um dia, interrogando o níveo seio
de uma concha, voltada contra o ouvido,
um longínquo rumor, como um gemido,
ouvi plangente e de saudades cheio.

Esse rumor tristíssimo, escutei-o:
é a música das ondas, é o bramido,
que ela guarda por tempo indefinido,
das solidões marinhas donde veio.

Homem, concha exilada, igual lamento
em ti mesmo ouvirás, se ouvido atento
aos recessos do espírito volveres.

E de saudade, esse lamento humano,
de uma vida anterior, pátrio oceano
da unidade concêntrica dos seres.

XVI

Inexistência da morte

Um indivíduo, no limitadíssimo espaço duma existência, cometeu crimes; segundo as doutrinas anti-reencarnacionistas o criminoso será condenado a penas eternas; permanecerá sempre no purgatório ou no inferno. Se a alma foi ter ao purgatório, nunca mais se saberá quando será promovida ao céu, pois, disto ninguém até hoje teve notícias; cremos em que essa promoção não existe, como também entendemos que estar no paraíso ou no éden é apenas um estado de consciência individual. São situações puramente de ordem interna, Onde quer que o indivíduo esteja, sua felicidade ou desdita, seu conforto ou mal estar, depende dele, exclusivamente dele, de seu grau de realidade interna.

Que relação de justiça pode haver entre um mal que se praticou num segundo (menos de um segundo é a existência humana ao pé da eternidade!) e a condenação eterna? como então, Deus, que é a Vida, a Sabedoria Perfeita, cria seus filhos fracos ignorantes, atrasados, afim de que prevariquem, errem, a larga, depois atirá-los a um sofrimento ilimitado em profundidade e extensão? e se para a tal "salvação" fosse necessário ouvir e realizar a palavra de Cristo, para onde iriam os inúmeros povos de todos os graus de civilização que o antecederam? qual a situação dos selvagens das épocas remotas, dos vetustos lemurianos, dos antiqüíssimos Atlântidas, das raças que antecederam milenariamente ao cristianismo, como aquelas que desapareceram no vórtice do Tempo tal sucedeu aos esplendores de Menfis, Babilônia, Nínive, Assur, Persépolis, Cartago?

Temos, os reencarnacionistas, certeza inabalável nisto: viemos da perfeição inconsciente e caminhamos para a perfeição consciente.

E entre esses dois extremos se desenrola a série inumerável das nossas vidas sucessivas. O impulso inicial é o mesmo para todos; atravessamos todos os reinos da natureza; depois, cada qual se agite

como quiser ou puder dentro da Vida evolutiva e infinita do próprio espírito. E a dor é imanente, é inseparável da evolução: desaparece somente quando o espírito, por seus próprios esforços, a transforma em conhecimentos e amor. E assim, em cada animal ha uma alma imortal, e em cada selvagem ha um deus encadeado. O espírito é, pois, o bandeirante do infinito, o candidato a realização das mais encantadoras possibilidades, e sua progressão não depende de terceiros, porque traz em si, embrionariamente, as mais prodigiosas faculdades que desabrochar possam no ser humano. E o gerador da própria amargura e da própria felicidade; é o dispensador das suas doenças e a única fonte da própria saúde. Há, mesmo que ele não o queira ou não o saiba, em sua fronte a legenda maravilhosa esculpida pela Vida Imortal: sempre para o alto e para frente!

O "Memento homo quia pulvis és..." é para os reencarnacionistas um materialismo grosseiro, visto que homem não é pó e não se tornará pó. O Espiritismo: diz ao homem: lembra-te de que és espírito e espírito imortal: és o construtor do teu destino! Nem teu corpo morre, pois, apenas se transforma!

Não ha matéria morta, em rigor, e a morte, no sentido comum em que a tomam, não existe. Tudo se transmuda. O que ha é maior ou menor grau de molecular. Luz e sombra, água e fogo, solido e gasoso, não são mais do que estados diferentes de vibração, dos átomos. Um corpo volta a terra: entra em decomposição e as células, libertas, dissociam-se e retornam aos seus princípios constituintes, convocadas pela lei da afinidade. Deitemos a cova de um cadáver; um século depois, nem mais ossos encontraremos; que foi feito do corpo inumado? ora, em à natureza "nada se cria e nada se perde"; os elementos associados desagregaram-se e aos átomos de oxigênio, azoto, água, ferro, carbono, hidrogênio, etc. foram ressurgir em outras formas animais e vegetais cantando sempre a imortalidade da vida universal e inteligente. Sendo

assim, átomos e células, que integravam a envergadura dum herói ou de um monarca, poderão amanhã estar vibrando na lama que escorre pelas regueiras das ruas; e os elementos atômicos, fermentadores dos monturos pútridos, poderão cantar, pouco tempo depois as glórias da imortalidade no físico duma jovem formosa ou nas pétalas acetinadas duma linda flor!

XVII

E a vida prossegue

E a vida prossegue, porque a morte, no sentido de aniquilamento, de extermínio, não existe; é sempre o eterno presente o aqui é o agora. Os espíritos desencarnados estão também no seu eterno presente; nós, idem. O passado é um sonho, bom para uns, mau para outros; é museu empoeirado, quase inútil, que carregamos conosco. O futuro é uma convenção, uma fantasia; ninguém o conhece, ninguém viveu nele; o amanhã há de ser o eterno amanhã, uma ilusão.

E a Vida prossegue, porque a cada morte corresponde um renascimento; quando uma criança surge no plano físico, é um espírito que morre no plano astral; quando um indivíduo desencorpora-se na terra é uma alma que ressurgue no mundo espiritual. A cada aparecimento na 3.^a dimensão responde a um desaparecimento na quarta dimensão, e assim vice versa.

E a vida prossegue...

É termos que compreender que ela é una, indizível; flui espontânea e naturalmente através de tudo. As linhas divisórias, as cercas, separatorias entre coisas humanas e cousas divinas são criações das religiões. O fato real é que corpo e espírito, homem e Deus, vida e morte, luz e sombra, mal e bem, interdepende-sé, coexistem e confundem-se bastas vezes, segundo a visão individual; e o conjunto de todos e de tudo forma a Vida inteligente e universal.

Não ha pois um Jeová, um Alá, um Júpiter ou um Deus que perdoa ou que castiga, que ajuda ou que persegue; não ha racionalmente "um pai de infinito amor e bondade" como sempre lamuriam os religiosos de todos os tempos; crenças, latitudes e longitudes. E dentro da Vida universal estamos nós, centelhas vívidas, inteligentes e imortais, nós, os viajores da eternidade; e cada um de nós é um Espírito imortal, um bandeirante do infinito, vivendo e progredindo independente de

deuses e semideuses, de santos e de protetores, de demônios ou de anjos.

XVIII

Aqui e agora

Temos o intuito de despertar no homem a consciência duma vida liberta e superior. Para isto é mister que rasguemos os véus da ignorância e do medo, que nós envolvem, - escondendo-nos do sol da Vida, pois, á luz da imortalidade evolutiva do espírito a morte deixou de existir, e a vida prossegue sempre, quer no plano astral ou espiritual, donde viemos e para onde tornaremos. Assim sendo, não permitamos que as aves agourentas do ceticismo e do desespero façam seus ninhos nossos corações, porque elas nos dilacerem com garras aduncas e nos roubam, com seus adejos escuros, a alegria de viver.

Recusemos as ameaças e as explorações que terceiros nos queiram fazer, quando objetivam empanar claridades de nossa existência, com religiosismos doentios, eivados de temores, de nebulosidades, de tristezas indefinidas, apresentando a existência ora um cárcere pletórico de condenados, ora como hospital superlotado de doentes, ora como uma de degredados.

Confiemos ou aprendamos a confiar em nós mesmos, em nossa capacidade construtiva, em nossa inteligência, mesmo que por ora saibamos das grandes possibilidades que podemos despertar, dentro de nós e enquanto não confiarmos em nós mesmos, seremos eternos vitimas de terceiros sagazes e astuciosos, que exploram nossas debilidades, nossas fraquezas em beneficio próprio, prometendo-nos paraíso e vida feliz e venturosa num outro mundo ou num futuro remoto e inatingível. Essas promessas são vazias, embora ressoem como tambores de bandas musicais.

Nada temamos; nada receiemos; porque o indivíduo perfeitamente equilibrado não teme ninguém e não é temido por ninguém; e as fantasmagorias de deuses irados, de divindades vingadoras ou de demônios perversos, deixam de existir, e ficam em nossa memória,

como sonhos maus perdidos nas dobras dum passado longínquo.

Eliminemos as graves apreensões, o medo do futuro, o receio das doenças e antipatia pelos outros, a inveja e a ambição do ouro, e um ambiente saudável e feliz nos circundará, porque somos e seremos aquilo que, consciente ou inconscientemente, pensamos ou pensarmos com perseverança, com continuidade, visto que o pensamento é fora e força destrutiva ou construtiva, segundo se emana de nós próprios; criemos e mantenhamos, pois, pensamentos belos, fortes, construtivos, alegres, serenos, otimistas só teremos bons resultados com estes princípios auto-educativos.

Sejamos inteligentes; construamos aqui e agora edifício da nossa felicidade com os elementos de que dispomos; não sejamos tão ingênuos em acreditar que o céu, o paraíso ou a felicidade, estão localizados num outro mundo, numa outra região, num futuro remoto, ou estejam fechados nas mãos de divindades discricionárias, nebulosas! Nada disso! Nos somos os dispensadores das nossas tristezas e nossas alegrias, somos, afinal, os edificadores da própria existência. Se não somos capazes de construir nossa calma, nossa superioridade, nossa alegria, nosso otimismo, seria absurdo pensar que podemos construir a felicidade de terceiros, pois, cada um de nós só pode fornecer a outrem o que possui.

Não nos esqueçamos de que vivemos simultaneamente em dois universos; um exterior, objetivo, onde se agitam mares, ventos e homens; onde há cidades, nações, sois, flores e pássaros, civilizados que matam e roubam e selvagens que choram e renunciam marchas guerreiras e sinfonias suaves; outro é o universo interior, mundo interno, o da vida do espírito, das emoções; do pensamento, de todas as sensações coordenadas ou descoordenadas.

E jamais encontraremos alegria, harmonia, doçura, beleza, deslumbramentos, no primeiro universo, enquanto não encontrarmos, não despertarmos, não sentirmos, esses valores luminosos, essas réstias de luz no segundo universo, isto é; dentro de nós mesmos! Assim sendo, conjugemos, ou aprendamos a conjugar inteligentemente esses dois universos; vivamos no mundo sem sermos esmagados ou enredados nas malhas desse mesmo mundo.

Deixemos de lastimar, de lamuriar, de ser eternos pedintes; tomemos conta de nós mesmos; abandonemos a posição acurvada do nosso corpo e levantemos a frente; encaremos com calma, com serenidade, com discernida superioridade todos os acontecimentos, tudo quanto se desenrolar na grande ribalta do mundo; não queiramos modificar, transformar o mundo, sem primeiramente nos educarmos, sem primeiramente nos aperfeiçoarmos; criemos inicialmente um ambiente saudável e alegre em torno; de nós mesmos, com os nossos próprios recursos; e isto o conseguiremos, uma vez que firmemente o queiramos!

XIX

Imortalidade progressiva e vitoriosa

Evitemos que as ondas de receios, de temores e de superstições, engendradas quase sempre pelas religiões, continuem batendo contra as arcas do nosso peito, contra o vaso do nosso coração, enchendo-o de amargas apreensões roubando-lhe o bom humor e a disposição para triunfar na vida.

Esqueçamos o passado, particularmente quando escuro e frio, maximé quando doloroso, visto que esse passado, carregado de tradições inúteis, é um peso morto em nossa mente; o agarramento ao passado obscurece o fulgor do presente, e nos faz lembrar esse desmedido amor aos museus, aos sarcófagos, as antiguidades empoeiradas, às ruínas históricas fazendo-nos esquecer o presente, os deveres de hoje as realizações de agora e até as ruínas humanas necessitadas de amparo, de teto, de pão.

Não vivamos também sonhadamente, hipoteticamente para e num futuro que, na realidade, não existe; só o agora e o aqui nos interessam, porque estamos e vivemos perpetuamente agora e aqui. E' falsa, pois, a legenda que nos manda: rezar, creer e esperar; é igualmente falso o principio explorativo que nos acena com as belezas dum céu distante ou que nos magnetizam com as beatitudes dulçorosas, muito longínquas, numa outra vida, num outro mundo! Os próprios espíritos desencarnados continuam no seu aqui e agora, envoltos no ambiente que eles mesmos geraram!

Compreendamos que a melhor vida é esta e está em nós melhorá-la supinamente ou piorá-la lastimavelmente. Deuses, demônios, potestades rancorosas ou melífluas, são fantasias criadas para melhor se explorar e vampirizar a ignorância humana, o atraso mental e espiritual dos povos. Deixemos de parte e esqueçamos integralmente todas aquelas sugestões, passagens e histórias bíblico-religiosas

pejadas de mistérios, cheias de símbolos; gesticulantes de ameaças e profecias. Estão ótimas para aquela época, tempo das Babilônias, das Nínives, das Persépolis, das Cartagos, das Menfís, grandes cidades das quais não nos sobram sequer ruínas! Todas aquelas historietas passaram, e seria muito místico e retardatário o indivíduo que vivesse hoje agarrado às cinzas dum passado longínquo e improdutivo!

Respeitemos igualmente todos os indivíduos; tratemos com nobreza até os próprios animais, que são seres incorporados no portentoso drama evolutivo da vida; mas, simultaneamente, não permita-nos que nos atrelem à vontade, aos caprichos de terceiros, mormente quando nos falam, objetivando encher-nos de mais religiosismos, de mais temores, infundindo-nos princípios nebulosos, prenes de mistérios e ameaças. A taça do nosso coração deve estar sempre repleta das linfas duma vida forte, alegre, sadia, otimista; nossa mente deve também, por sua vez, viver arejada e iluminada pelas ondas duma imortalidade construtiva e reanimadora, e não obscurecida pelas apreensões místicas é doentias das súplicas dos peditórios e das lamúrias "estandardizadas"; tão a gosto dos que vivem com os pés na terra e com a cabeça perdida, além das nuvens, a procura de proteções divinas.

O Espiritismo como doutrina filosófica, científica e social, triunfará; fará de cada centro, de cada grupo, núcleos de instrução, de educação social, de indivíduos estudiosos e progressistas; fará de cada homem um ser útil, prático, enérgico, corajoso, autoconfiante, liberto. Como religião, se enquadrará na série interminável das fábricas de dogmas, fanatismos, amuletos e rotinas; pois, não se pode negar que as religiões, a semelhança de cogumelo nas planícies povoam o mundo, em todos os tempos e em todos os lugares, gerando o medo, produzindo o marasmo mental, desviando o homem das suas finalidades presentes, para

amarrá-lo às mesmas superstições tão nossas conhecidas. A imortalidade cientificamente provada não é um favor dos deuses, mas é uma conquista natural da evolução; assim, também, a concretização e a utilização das ondas hertzianas, não é uma dádiva de Júpiter ou de Alá, porém, é uma conquista desse bandeirante da imortalidade, que é o espírito humano.

Procuremos sempre e sempre ser donos de nós, mesmos e não títeres nas mãos de terceiros; cremos o nosso próprio ambiente, com as nossas iniciativas e energias; construamos os nossos destinos com os nossos próprios recursos, com nossa inteligência, com nossa coragem. O castor, o João de barro, aves, animais, fabricam, constroem, organizam, seu ninho, sua casa, seu refúgio, sua ambiência. Vivem dentro do grande cenário da vida, partilhando do grande concerto universal, sem as preocupações doentias da salvação e da perdição, das proteções milagreiras ou dos peditórios vazios!

Aprendi no Espiritismo que, muitas vezes, sofremos, porque ainda não nos compenetramos de que somos os únicos dispensadores das nossas aflições e tristezas, bem como somos nós próprios os exclusivos manipuladores da nossa alegria, serenidade e bem estar. É claro: cada um está num ponto; num degrau diferente da intérmina escadaria ascensional da evolução! Aprendi também que outras vezes sofremos, porque temos o péssimo costume de nos considerarmos vermes, pó da terra, seres rastejantes, míseros mortais... por que isso? falsa modéstia? Materialismo degenerado? para agradar as potestades? Não podemos fugir deste dilema: ou somos evidentemente fantoches, pobres bonecos de pano nas mãos discricionárias, parciais, apaixonadas, de barbaçudos e sempiternos, ou somos, na realidade, espíritos imortais, crescendo

em conhecimentos - possibilidades, em amor, em belezas, em harmonias; dentro do infinito do tempo e do espaço, criando, criando sempre em nós mesmos, o encanto esplendoroso dum progresso ilimitado, ao som das sinfonias dos mundos que povoam o infinito, independentes dos desfavores, de proteções e de choros! Eu fico com esta segunda concepção. E, assim como respeito, ás idéias, dos que gostam de rezar e pedir, acho ridícula e fósfil que terceiros se aventurem a desvira-me da senda que descobri e palmilho.

Estamos em pleno século 20. Compreendamos que um sopro forte e renovador está agitando a Terra. Entendamos que chegou o tempo de os homens quebrarem suas muletas e caminharem com suas próprias pernas. As nações modernas, fortes e progressivas, não querem que seus povos vivam de joelhos, desperdiçando num rogatório inútil, suas melhores reservas espirituais. E' chegada á época do "Levanta-te e Caminha". Este convite, feito pela Evolução, se dirige especialmente aos paralíticos mentais, aos anquilosados do medo, aos retardados, que se curvam e demoram ante todas as imagens e símbolos colocados às margens do caminho. Cumpre-nos colaborar, o quanto possível, na sublimação das qualidades populares, tornando os homens bons, ordeiros, trabalhadores, livres, fortes, independentes. Não os tornemos negativos e pessimistas, criando-lhes na mente um mundo irreal e fantasioso, com promessas vazias, embora sonoras. A Pátria precisa dum povo forte, alegre, produtivo, tendo em sua discernida e inteligente liberdade, o gérmen do seu êxito, do seu triunfo!

Ergamos, pois, a nossa frente; ergamo-la para o sol da Vida! Deixemos aqueles que não nos compreendem ainda, a missão fúnebre de chorar pelos mortos, de se saturarem com a fantasia da morte e de se narcotizarem com o ópio das rezas! Para os espíritos fortes,

esclarecidos e senhores de si mesmos só existe vida, vida constante, permanente, eterna, sob vários aspectos e em diferentes planos, desde os da matéria grosseira, pesada, até os de matéria quintessenciada, hiper-física.

A vida prossegue e nós somos imortais. Antes de nos reencarnarmos, vivíamos; depois de nos desencarnarmos, continuaremos a viver. Vivemos sempre, e sempre num aqui e num agora, porque o presente é eterno! Assim sendo, é indispensável que sejamos fortes, animoso e livres, e não pessimistas, desanimados e fatalistas.

E para que a galera de nossa vida sulque garbosamente os mares murmúrios, que necessitamos vencer, é indispensável que a enfeitemos de flores, a lantejouemos de luzes e cânticos... a embalemos com cânticos.... Flores da alegria e da coragem, luzes do conhecimento e do otimismo, cântico da bondade, da energia e da confiança em dias vez melhores...

XX

Conclusões

1.^a) Sou panteísta. Deus se manifesta através de tudo. Está em tudo e em todas. E a Vida universal e inteligente. Panteísmo (não confundi-la com politeísmo, nem com monoteísmo) é sistema filosófico que não admite coisa alguma fora de Deus; em que Deus é a suma universalidade dos seres, imanente em toda a natureza.

2.^a) O verdadeiro Homem é o Espírito, e o Espírito é imortal, eterno, indestrutível, evolutivo. Assim sendo, somos os viajores do infinito, quer os homens queiram ou não queiram, saibam ou ignorem! Cada ser humano chegará a esta conclusão quando puder e souber mergulhar profundamente no oceano imenso do mundo interior, subjetivo.

3.^a) Rezas, orações ou preces (marcadamente as standardizadas pelo uso ou mecanizadas pela tradição) servem apenas para consolar, suavizar o paciente; paliativos; porém, não esclarecem, nem solucionam problema algum. Os deuses não as ouvem, nem se comovem. As provas aí estão com as tragédias, com as chamas dantescas, desenroladas em larga escala no transcórre da atual guerra. As leis de causas e efeitos ou as do carma não se derrogam; com lamurias, nem com declamações lacrimosas.

4.^a) Só o conhecimento, o entendimento, a sabedoria, a intuição, a observação, a inteligência, é que libertam o homem do desespero, do medo, dos sofrimentos e o conduzem à posse tranqüila da liberdade e da felicidade.

5.^a) O Espiritismo é doutrina essencialmente evolucionaria; não admite nenhuma autoridade que lhe trace os limites finais, ou diga a seu respeito a última palavra. Realiza a verdadeira democracia pensamento, pois, é patrimônio inalienável seu a liberdade de consciência, de expressão e de livre – análise. Liberta pelo raciocínio, pelo entendimento.

6.^a) O Espiritismo não é religião, embora muitos o admitam como tal. Como religião seria um fracasso, uma derrota. É ciência, é filosofia, é movimento social instrutivo, educativo, reajustador. Aceita, justifica, prova e difunde o princípio da multiplicidade das existências, o da pluralidade dos mundos habitados e o da comunicação entre os dois mundos.

7.^a) A tradição raramente é um bem. O excessivo, tradicionalismo é um embaraço à mente que quer e precisa libertar-se. No museu do passado, cobertas da poeira dos séculos jazem, entre outras coisas anacrônicas, as tais "sagradas escrituras" com seus profetas barbaçados e mal humoradas. Tais escrituras e tais profetas ainda vivem, porque se ligam aos místicos de hoje pelo cordão umbilical do medo.

8.^a) A Vida se resume no Presente. O Presente é eterno. O Passado é um sonho, um arquivo, um museu, ao qual nos amarramos demasiadamente. O futuro é uma ficção; não existe. Ninguém viveu realmente nele. O futuro é a porta falsa por onde escapam as espertezas de muita gente que, por comodismo e egoísmo, foge às responsabilidades do presente.

9.^a) O Presente é aqui e agora. Aqui é o lugar onde nos encontramos. Agora é o momento que estamos vivendo. Os próprios espíritos desencarnados, em sua quarta dimensão ou em sua vida hiperfísica, continuam em seu aqui e agora, em seu eterno presente. Façamos do aqui e do agora as melhores horas da nossa vida.

10.^a) Não ha salvação como não ha perdigão. Ha evolução natural, gradativa, inexorável para todos. Salvação, perdição, condenação eterna è quejandas ameaças ou místicas são processos que ainda se usam para ilaquear a simplicidade alheia ou para locupletar à custa do retardamento moral das gentes. Humilhar-se, sofrer na terra para gozar céu ou no além é a mais dourada das mentiras m que se iludem

os pobres de espírito.

11.^a) Os deuses (de Brama a Jeová, de Júpiter a Zeus, de Osíris a Baal-Moleque, de Alá a Tupã) "pais do infinito amor" ou "todo-poderosos" de todos os tempos e de todas as crenças, nunca deram provas do seu amor ou do seu poderio. Nas guerras religiosas nunca disseram que partido era detentor da razão. Nas guerras profanas nunca usaram do seu poderio para evitar tremendas crueldades praticadas contra mulheres, velhos e crianças. Ainda hoje não são capazes nem de evitar que as granadas destroem e pulverizem lares de pacatas famílias:

12.^a) Os grandes mestres, veros instrutores dos homens: Kishna e Confúcio, Viasa e Lau-Te-Sé, Moisés e Zoroastro, Hermes Trimegisto e Orfeu, Buda e Jesus, Sócrates e Pitágoras e, atualmente Khrishrmamurti, vieram em diferentes épocas, latitudes e longitudes; vieram para ensinar, educar, orientar e libertar os homens da ignorância, das misérias morais e físicas. Seu objetivo não foi fundar novas religiões. Todos sentiam e ensinavam que eram o Caminho, a Verdade, a Vida, a Libertação.

13.^a) A tendência humana é encostar-se, é pedir. Daí "os muros das lamentações", os rogos, ás súplicas. Só andamos, tangidos pela necessidade, pela evolução; se os grandes guias, os mestres, os espíritos superiores, pudessem atender as nossas vontades, transformar-se-iam em muletas nossas e, por falta de esforço, de coragem, de exercícios, nossas pernas se atrofiariam, nossa razão se obliteraria, nosso senso de responsabilidade se apagaria e ser-nos-ia impossível ouvir a voz da Vida imortal bradar-nos: Homem, levanta-te e caminha!

14.^a) A necessidade da prática da caridade, tão em voga em nossos meios, é uma demonstração irretorquível de desorganização social. E' evidente a existência de crianças e adultos doentes, desamparados; é um fato a ressoante onda da mendicância. Por que os há? quais as

causas? Tem-se a impressão de que em certos países se conservam inúmeros pedintes, párias e necessitados, de ambos os sexos e de todas as idades, afim de "praticarem a caridade" para bem servirem a Deus e para que os nomes dos benfeitores, dos beneméritos figurem nos jornais, em largas exposições.

15.^a) A prática da caridade é uma deficiência social, que se eterniza em alguns países. Compete ao Estado prever e prover este assunto. É tão humilhante a esmola, o óbulo, ao pária ao mendigo, que nenhum de nós gostaria de ver, na fila interminável dos pedintes, nosso pai, nossa mãe, nosso irmão e, menos ainda, um nosso filho. Num país, onde haja verdadeira justiça social e previdência inteligente e generalizada, não há mais necessidade de se praticar caridade, pois, desaparecem os mendigos, os pedintes.

16.^a) Os velhos, invalidados pelas lutas e cansaços, têm direito a Vida. Devem pois, receber do Estado o bastante para viver dignamente; devem ter, assegurados, no mínimo, o pão, a cama, o teto, o vestuário, o medicamento, sem ficarem na dura contingência ou na posição degradante de precisar de estender às mãos trêmulas à caridade dos filhos, noras, genros, amigos ou a desconhecidos. O medo dum velhice desafortunada também gera no homem os germens das tremendas competições, a que diariamente assistimos.

17.^a) A criança merece bem mais do que a nossa simpatia: atenção afetuosa e permanente. E' quantas há por aí engraxando sapatos, vendendo jornais, apregoando quinquilharias, exploradas por terceiros, vivendo em ambientes nocivos, sofrendo duras competições, justamente numa idade em que deveriam estudar, educar-se, desenvolvendo cuidadosamente tanto mental como fisicamente?! Unicamente o Estado pode e deve resolver esta equação de incalculável conseqüência para a raça, para a pátria.

18.^a) Quando houver certeza de que o Estado pagará á viúva, aos

órfãos ou aos inválidos, a média do salário que o homem ganhava, e isto de modo integral e mensalmente, poderemos viver bem mais tranqüilos, seremos bem menos anti-fraternais. Diminuirá de muito a amargurada competição entre os indivíduos e desvanecer-se-á da mente humana o sombrio fantasma: medo de morrer e deixar a família na miséria!

19.^a) Parece, à primeira vista, heresia ou absurdo, o dizer-se que a prática da caridade deverá ser totalmente substituída pelo dever de realizar a solidariedade humana. Esta solidariedade gera a justiça social, pela qual a criança abandonada, o órfão e o inválido serão plenamente assistidos pelo Estado. Cumpre, assim, ao Estado olhar, instruir, educar, e defender todas as crianças desprotegidas, desamparadas. E isto como o mais comezinho dever social e humano.

20.^a) Temos apenas e mais necessidade de escolas (primárias, rurais, profissionais, agropecuárias, técnicas) e de postos de saúde que combatam a verminose, a malária, o tracoma, a anquilostomia assistência médica, dentaria, preventiva e generalizada.

Tudo isto como obrigação do Estado para prever é prover a Saúde, a Higiene, a Vida do povo. Claro está que se não prescinde da colaboração particular.

21.^a) Passada a psicose das guerras e o desequilíbrio do nacionalismo excessivo, exaltado, com centésima parte do capital invertido em armas, munições belicosas, aviões de bombardeios e navios de guerra, conseguirão os povos eliminar o tracoma, tuberculose, e a morféia; com a décima parte daquele capital liquidar-se-ão esses inimigos da espécie humana e mais ainda o câncer, a fome, o analfabetismo, cura e o alcoolismo.

22.^a) É lastimável, sob todos os aspetos, o ensino religioso nas escolas. Inúmeras são as crianças que sofrem constrangimentos, porque não seguem a crença da maioria. No que constitui tal ensino?

rezas, orações automáticas, temor de Deus, dos pecados, do diabo, da perdição e mais uma série enorme de crenças redondamente inúteis. E como o religiosismo gera o fanatismo, não são poucos os professores de religião que se excedem em seu "zelo piedoso", Por isso continuamos integralmente dentro deste lema: A igreja livre no estado livre.

23.^a) Em média morre uma criatura humana por segundo; logo, cerca de três bilhões por século.

Essa oceânica soma de cadáveres vem sendo entregue á terra e restituída à circulação geral, sob forma de água, gás, vapores, sais, etc. Não se pode negar que as moléculas de oxigênio, hidrogênio, ácido carbônico, azoto, que constituíram, em dez séculos, mais de trinta bilhões de cadáveres não tenham adubado a terra e não hajam sido restituídas à circulação no imenso laboratório da natureza. Por isso, os elementos constitutivos dos corpos, hauridos em que a natureza, à natureza voltaram, e cada um trazem; em si átomos que precedentemente pertenceram a outros, corpos.

24.^a) Compenetremo-nos desta velha e sempre nova verdade: em a natureza nada se perde e nada se cria; tudo se transforma. Não ha, pois, aniquilamento, morte ou o nada; ha vida, vida perpétua, transformadora, renovadora, em todos os sentidos.

25.^a) O universo é infinito e nele plainam milhões e milhões de satélites, asteróides, planetas, constelações, cometas, estrelas e sóis, nebulosas, sistemas planetários. A Terra no universo é menos que um grão de areia perdido nas intermináveis ondas do Saara, A intuição, o raciocínio, a dedução da inteligência nos convida a aceitar a idéia de que é impossível que somente o grão de areia (a Terra) seja habitado!

26.^a) Como as criaturas, os astros nascem, crescem, vivem e morrem (lei natural de evolução transformação produzida pelo ritmo da Vida). No Infinito do Tempo os mundos, os astros, se sucedem, como em miniatura se substituem homens e coisas ribaltas da Terra. E o

Universo também está coalhado de berços e de túmulos... no eterno presente tumultuam nas praias sem limites dos oceanos siderais, primaveras e invernos, auroras e crepúsculos, luzes e sombras... enfim, a orquestração eterna da Vida...

27.^a) A Vida universal, inteligente e eternamente renovadora preside às leis de atração e repulsão de equilíbrio; governa os princípios da estática e da dinâmica, da força e matéria; tal Vida liga indissolúvel, indiferente e perpetuamente os átomos invisíveis, imponderáveis e intangíveis aos astros ciclópico milhões de vezes maiores do que a Terra.

28.^a) 90% das sessões experimentais espíritas destituídas de utilidade, nelas sobrenadando deficiência mental e intelectual; são confusas e não resistem a um exame serio feito por pessoa de reconhecida competência. 90% dos médiuns nunca leram obra espírita de valor. 90% dos diretores destas sessões práticas são pessoas que laboram na incapacidade de distinguir e classificar os fenômenos que se realizam: em suas reuniões. Ignoram os graves perigos que existem em se estar "desenvolvendo mediunidade", em pessoas, já psíquicas, já fisicamente doentes. Daí, a abundância de mistificações, de animismo, de sugestões internas e externas.

29.^a) Uma mediunidade digna de ser cultivada desenvolvida, é a intuitiva, fruto da serenidade de espírito, da meditação, da inteligência, da observação cuidadosa e profunda dos acontecimentos e das coisas. Celeremente conduz o individuo compreensão e realização duma vida superior, bela, construtiva e feliz. Independe de terceiros, de promessas ou de súplicas.

30.^a) As moléculas são imortais, indestrutíveis; associam-se desassociam-se segundo as forças de coesão, atração e repulsão. Os próprios corpos não morrem, apenas se transformam: Assim como as águas dum rio se vão passando, sucedendo-se infinitamente, sem nunca

as mesmas tornarem pelos mesmos caminhos, embora o rio seja o mesmo, assim também as moléculas transitam pelo nosso corpo sob a forma de ar, água e alimentos. Não morrem vão passando pelas inúmeras formas animais, vegetais e minerais, como as referidas águas.

31.^a) A Vida precisa tornar-se ampla e iluminada para o indivíduo. Para isso necessita ele de começar a desfazer-se dessa infinidade de cercas; divisões, barreiras, muralhas, criadas e mantidas pelas crenças, tradições, superstições e preconceitos sociais. Deslocar habilmente um indivíduo de sua religião (mesmo que seja politeísta) para enquadrá-lo numa outra, equivale a mudá-lo de prisão, a trocar-lhe apenas a gaiola, pois, todas as religiões são gaiolas embora estas sejam artisticamente manufaturadas e aquelas toscamente construídas.

32.^a) O mundo real é o interior, o subjetivo, nele estamos permanentemente. O mundo exterior, objetivo, é irreal, porque as formas são transitórias, transformáveis. O primeiro mundo (o da vida interna) é perpetuamente presente, porque ele gira em torno do eu, e o eu é a figura primacial desse mundo, por exemplo: eu quero, eu amo, eu me lembro, eu sempre eu. - O segundo mundo existe precária e temporariamente para nós, v. g.: - países, povos e cidades que não conhecemos, senão por informações; casas em que habitamos e foram demolidas; inúmeras pessoas nossas conhecidas, que deixaram de existir neste plano físico... E quanto mais consciente, mais liberta, mais ampla e inteligente for a visão interna, a vida interior, tanto mais belo, expressivo e feliz ser-nos-á o mundo exterior.

33.^a) Viver, todos vivem: Muitos apenas vegetam. Poucos, porém, sabem viver com inteligência. Viver com inteligência com sabedoria, é saber harmonizar a vida interna com a externa; é saber torna-se sereno, risonho, e feliz o presente.... e o presente é eterno!



Autores Espíritos Clássicos



www.luzespirita.org.br